



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS ARTES VISUAIS
2ª LICENCIATURA

PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MODALIDADE: Presencial Especial

**UFPI
2010**

Comentado [E01]:

Comentado [E02]:

Comentado [E03]:

Comentado [E04]:

Comentado [E05]:

Comentado [E06]:

Comentado [E07]:

Comentado [E08]:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DADOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior

VICE-REITOR

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

PRÓ-REITOR DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Prof. Dra. Regina Mendes Ferraz

COORDENADORA DE CURRÍCULO

Prof. Dr^a. Antônia Dalva França Cavalcante

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prof. Dr. José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho

COORDENADOR DO CURSO

Prof. Evaldo Santos Oliveira

COORDENADORA GERAL

Prof^a. Ms^a. Maria da Gloria Duarte Ferro

COLABORADORES DA ELABORAÇÃO DO PROJETO

Prof^a. Dr^a. Antônia Dalva França Carvalho

Prof^a-Zozilena Froz Costa

Prof. Evaldo Santos Oliveira

Prof^a. Ms. Luciana Nobre de Abreu Ferreira

Prof^a. Ms. Maria da Gloria Duarte Ferro

Prof^a. Ms. Maria do Socorro Leal Lopes

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO

Licenciatura em Artes Visuais

DURAÇÃO DO CURSO

2 anos mínimo e máximo 3 anos

REGIME LETIVO

Modular Semestral

TURNO DE OFERTAS

Diurno

VAGAS AUTORIZADAS

45 vagas anuais (quarenta e cinco vagas com entrada no turno diurno)

TÍTULO ACADÊMICO

Licenciado em Artes Visuais

CARGA HORÁRIA

CONTEÚDO CURRICULAR	895h
ESTÁGIO OBRIGATORIO	210h
ATIVIDADE COMPLEMENTAR	200h
TCC	90h
PCC	*330h
TOTAL	1.395h

Sumário

Sumário	4
Apresentação	5
Objetivos	7
Geral	7
Forma de Acesso ao Curso	8
Perfil do Profissional	8
Competências e Habilidades	9
Princípios Curriculares e Metodologias	11
Sistemática de Avaliação	12
Estrutura do Curso	14
Infraestrutura de apoio ao Curso	15
Corpo Docente	15
Prática como componente curricular	20
Trabalho de Conclusão de Curso	22
Fluxograma do Curso	
Matriz Curricular	26
Ementas das Disciplinas e suas Bibliografias	30
Avaliação da Aprendizagem	54
Procedimentos metodológicos	54
Referências Bibliográficas	56
Anexo I:	57
Regulamento para Trabalho de Conclusão de Curso	57
Anexo II:	62
Regulamento das Atividades Complementares	62

Apresentação

A “Educação Artística” foi instaurada como disciplina obrigatória nos currículos de 1º e 2º graus através da lei 5692/71. A partir de então, foram criados cursos de Educação Artística em diversas Universidades e muitos dos antigos cursos de Bacharelado em Artes foram transformados em licenciaturas. O curso de Educação Artística foi criado em 1977 pela Resolução nº. 01/77 CCE/UFPI, CONSUN, segundo contexto da época.

Passados 25 anos da obrigatoriedade do Ensino de Arte no Brasil, muitas questões foram levantadas e novas posições se seguiram, trazendo significativas mudanças. Paralelamente aos debates sobre o ensino da Arte nas escolas e a formação do Arte-Educador nas universidades renova-se as discussões sobre a importância das Universidades na formação do professor de Arte. Acrescenta-se ainda a necessidade de nossas limitações de atuação profissional uma vez que após os anos em que esteve em vigência a referida lei não estava formando os profissionais adequados de modo a atender o mercado de trabalho. Como é sabido, o regime de polivalência estava formando profissionais muitas vezes frustrados por não conseguirem se expressarem nas múltiplas linguagens oferecidas nas matrizes curriculares dos cursos. Por essa razão em Dezembro de 1996 surge uma nova proposta de alteração curricular com a Nova LDB 9394/96 que, também, institui os PCNs em Arte e a partir daí se vislumbrou novas fronteiras para os profissionais de Arte. Com essa Nova LDB a arte é elevada ao novo patamar de significação à medida que propõe o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, além de possibilitar que cada Universidade possa criar uma matriz curricular de acordo com a realidade sócio- econômica e cultural do seu estado e região. E isto foi, sem dúvida, um grande avanço para formação do professor de Arte. Nessa perspectiva a abriu-se uma grande possibilidade de criar currículos de modo a atender as especificidades de cada lugar e se antes a matriz curricular era imposta verticalmente, de cima para baixo, voltada a uma realidade do sul do país, com a nova LDB os currículos foram adequados à realidade de cada estado.

É nesse panorama do ensino de Arte nas Universidades que se insere o presente projeto Político Pedagógico no âmbito do PARFOR–Plano Nacional de Formação de Professores em exercício do Ensino Básico no estado do Piauí, pois entendemos que a atualização Curricular deve ser um processo flexível e permanente. Desse modo, este projeto representa um avanço em meio às novas transformações e vêm fortalecer e dinamizar o curso através da formação profissional por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, que são os pilares sustentadores do ensino universitário.

Esta proposta visa eliminar o descompasso entre a nomenclatura curricular atual que rege a Nova LDB 9394/96, que extinguiu a denominação de Educação Artística e em seu lugar instituiu a área de Artes Visuais, nas seguintes modalidades: Dança Música e Artes Cênicas. Com isso, a referida Lei objetiva superar a polivalência e superficialidade curricular essencial da antiga denominação. Igualmente, com base na Lei, foram desenvolvidos pelo Ministério da Educação alguns documentos, com o intuito de auxiliar a execução de nível básico:

- a) Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (0 a 6 anos);
- b) Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's – para o Ensino Fundamental e Médio.

Quanto ao ensino de nível superior, de acordo com o artigo 53, item II, a LDB atribui às universidades, no exercício de sua autonomia, “fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes”. Portanto, a Secretaria de Ensino superior (SESu), em cooperação com as Comissões de Especialistas, elaborou os seguintes documentos, que foram posteriormente enviados ao Conselho Nacional de Educação para apreciação e aprovação:

- a) Diretrizes Curriculares para o Ensino Superior em Artes Visuais Dança, Música e Artes Cênicas.
- b) Indicadores e padrões de qualidade para avaliação dos cursos de Graduação;
- c) Diretrizes Curriculares Gerais para as Licenciaturas.

Analisando os PCNs, percebemos que são incluídas as quatro modalidades artísticas nos currículos das escolas da rede de ensino: Arte Visual, Música, Dança e Artes Cênicas. Como se pode observar, a realidade educacional no país tende a considerar, teoricamente, tanto as Artes Visuais como as demais áreas citadas, como especificidades fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos. Concluímos que os PCNs caracterizam-se por não mais identificar os conhecimentos de Arte com Educação Artística, ou seja, a Arte está incluída na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. Inicia-se, portanto, um novo marco histórico, pois se passa a identificar a área por Arte e não por Educação Artística. Tanto é que as novas diretrizes fixam os seguintes:

As Diretrizes Gerais têm como propósito determinar objetivos acadêmicos que orientem os cursos superiores em artes, para a construção de currículos que atendam especificidades regionais, vocação específica de cursos e mercados de trabalho diversificados.

Justificativa

Em 2009, o Ministério da Educação – MEC lançou o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), que efetiva, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os princípios e objetivos da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação, no âmbito do Plano de Metas *Compromisso Todos pela Educação*.

Estruturado em regime de colaboração da União com os Estados e Municípios, o PARFOR articula a oferta de cursos de licenciatura, nas modalidades presenciais e a distância, para professores em exercício dos sistemas públicos da educação básica sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A organização dos cursos do PARFOR deve atender os Planos Estratégicos formulados nos *Fóruns Estaduais de Apoio à Formação Docente*, de acordo com as necessidades da região. O MEC fomenta e avalia a formação em âmbito nacional e os Estados e Municípios são responsáveis em promover o acesso e permanência dos professores nos cursos. As Instituições de Educação Superior (IES) ofertam, viabilizam e avaliam os cursos, conforme seus regulamentos.

Os cursos são viabilizados por meio da assinatura de *Acordos de Cooperação Técnica* (ACT) da CAPES com as Secretarias de Educação dos Estados que aderiram ao PARFOR e as IES Federais, Estaduais e Comunitárias assinam *Termos de Adesão* aos ACTs dos estados em que estão sediadas, tendo como anexo as planilhas com cronogramas e ofertas de cursos e vagas.

A projeção até 2014 é proporcionar formação inicial a cerca de 450 mil professores da educação básica. Na primeira oferta do PARFOR, no segundo semestre de 2009, foram confirmadas mais de 40 mil novas vagas para professores em exercício. Em 2010, o total de vagas deve passar de 180 mil. Portanto, a proposta do PARFOR-Plano Nacional de Formação de Professores do Ensino Básico é oferecer o curso de Artes Visuais de modo a atender uma demanda que necessita de uma formação específica e superior. O curso reafirmará suas singularidades no exercício profissional explicitadas na atuação como Professor de Arte.

O curso terá caráter presencial e prevê as duas dimensões de alternância formativa integradas: *o tempo-escola e o tempo comunidade*. As atividades tempo-escola serão realizadas nos meses de julho e de janeiro, e mais dois encontros sistemáticos no intervalo de cada tempo-escola, totalizando em 72 dias. O restante dos 200 dias letivos, isto é, os 128 dias, serão destinados às atividades que configuram a dimensão tempo-comunidade serão realizadas no espaço sócio-profissional do aluno onde ele deverá refletir sobre os problemas, discutir com a

comunidade e colegas e levantar hipóteses acerca das soluções possíveis. Esta dimensão se concretizará em sala de aula a cada retorno para as atividades de tempo-escola, onde serão discutidas e socializadas. A integralização do curso será no período de 4 (quatro) anos. Os conteúdos estão distribuídos na matriz curricular caracterizada pelo regime de blocos de disciplinas, denominados de Módulos. A cada ano serão integralizados dois Módulos, onde estão previstas atividades teóricas e práticas.

Trata-se de um curso regular presencial especial ofertado para os professores da rede pública de ensino, em exercício, que ainda não possuem formação adequada que tem como objetivo a formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sua metodologia tem como base a *Pedagogia da Alternância* caracterizada por duas dimensões: o tempo-universidade e o tempo-comunidade. As atividades referentes ao tempo-escola ou o tempo-universidade são realizadas nos meses de férias, julho e janeiro e/ou fevereiro. As do tempo-comunidade no próprio espaço sócio profissional do aluno, onde ele é incentivado a refletir juntamente com os colegas e a comunidade sobre problemas levantados no âmbito das disciplinas ministradas no tempo-universidade para levantar hipóteses acerca das soluções possíveis.

Objetivos

Geral

O objetivo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPI é a formação do professor em Artes Visuais ético, crítico, sensível, e reflexivo, comprometido com as questões educacionais locais, regionais, nacionais e com a realidade social de um modo crítico e transformador para o exercício da docência na Educação Básica.

Específicos

- Oferecer possibilidade de atualização curricular, visando a uma formação continuada que busque atender às necessidades do contexto sócio-histórico-cultural e político onde o mesmo atuará profissionalmente;
- Fomentar a atividade de pesquisa em Arte, como um dos aspectos relevantes para a compreensão do ser humano e de suas possibilidades expressivas;
- Ampliar o leque de conhecimentos do educando, bem como o contato deste com a realidade social possibilitando ao mesmo aplicar os conhecimentos produzidos durante o curso a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão; Estimular o exercício da percepção e da leitura crítica do discurso estético visual;
- Promover o desenvolvimento da sensibilidade, intuição, criatividade, domínio dos códigos culturais, conhecimentos específicos das linguagens da Arte;
- Estabelecer relações entre teoria, prática e reflexão críticas sistemáticas;
- Estabelecer estreitos vínculos entre o Curso de Licenciatura em Artes Visuais e a sociedade;
- Contribuir para construção do saberes docentes, bem como o contato deste com a realidade social.
- Oferecer as condições adequadas de modo a contribuir para o processo de inclusão social.

- Propiciar as condições adequadas para o conhecimento e uso dos materiais expressivos (autóctones) e sua valorização no âmbito da cultura brasileira e local.

Forma de Acesso ao Curso

O professor fará sua inscrição nos cursos por meio de um sistema desenvolvido pelo MEC denominado Plataforma Paulo Freire, no endereço na web <http://freire.mec.gov.br>, onde também terá seu currículo cadastrado e atualizado. A partir da pré-inscrição dos professores e da oferta de formação pelas IES públicas, as secretarias estaduais e municipais de educação terão na Plataforma Freire um instrumento de planejamento estratégico capaz de adequar à oferta das IES públicas à demanda dos professores e às necessidades reais das escolas de suas redes. A partir desse planejamento estratégico, as pré-inscrições serão submetidas pelas secretarias estaduais e municipais às IES públicas, que procederão à inscrição dos professores nos cursos oferecidos.

Perfil do Profissional

- O atual Curso de Artes Visuais tem um contingente de alunos cujo perfil predominante de gênero é de mulheres e sua grande maioria trabalha pelo menos um turno, como professora ou em outras atividades. A faixa etária média gira em torno dos 20 e 30 anos. Os portadores de curso superior que procuram o referido cursam em busca de uma nova formação vem dos cursos de Pedagogia, Letras, Odontologia, Medicina, Arquitetura, Psicologia, Nutrição, Assistência Social, Enfermagem, Engenharia Civil etc.
 - O tempo médio de integralização do curso tem a duração mínima de 2 anos, por se tratar de um Programas de formação emergencial no âmbito do MEC , PARFOR. Embora seja o perfil profissional do curso de Artes Visuais formar licenciado em habilidades específicas os egressos do referido curso, em especial o de Artes Plásticas e Desenho, tem se inserido no mercado em profissões autônomas em áreas afins.
 - O campo de atuação desse profissional inscreve-se, sobretudo na escola, notadamente na educação básica, porém, a atuação desse profissional deve ser mais abrangente o que dependerá de sua qualificação em outros campos de atuação ligados à Arte.
 - Desse modo, a proposta do atual pretende formar o educador em Artes Visuais com o objetivo de fornecer instrumental pedagógico capaz de possibilitar a este profissional uma melhor formação. Nesse sentido, a reforma ora proposta, traz no seu bojo o aumento da carga horária, buscando articular teoria e prática, através dos ateliês, oficinas e práticas laboratoriais, baseados na pesquisa e produção de conhecimento no campo da formação de modo a possibilitar ao formando pelo curso, a sua atuação de forma crítica, participativa e consciente na comunidade em que se encontra inserido.
- Exercer atividades de ensino nas etapas e modalidades da Educação Básica;
 - Dominar os conteúdos da área ou disciplinas de sua escolha e as respectivas metodologias de ensino a fim de construir e administrar situações de aprendizagem e de ensino;
 - Atuar no planejamento, organização e gestão de instituições e sistemas de ensino nas esferas

administrativas e pedagógicas;

- Contribuir com o desenvolvimento do Projeto Político-Pedagógico da instituição em que atua, realizando trabalhos coletivos e solidário, interdisciplinar e investigativo;
- Exercer liderança pedagógica e intelectual, articulando-se aos movimentos socioculturais da comunidade e da sua categoria profissional;
- Desenvolver estudos e pesquisas de natureza teórico-investigativa da educação e da docência.

a) Competências e Habilidades

Torna-se importante compreender-se que competência envolve a capacidade de mobilizar, articular e dinamizar saberes, conhecimentos e habilidades. A partir dessa concepção a atual reforma curricular do curso de Educação Artística em Licenciatura em Artes Visuais pretende formar o profissional no mercado do ensino da Arte. Para atingir tal objetivo faz-se necessário o desenvolvimento e o exercício da flexibilidade, e leitura consciente e fundamentada capaz de lidar com a complexidade da triagem: Arte; homem e cultura. Deste modo, a trajetória formativa do licenciado em Artes Visuais tem como meta desenvolver competências inscritas nos âmbitos artísticos, científicos, tecnológicos, pedagógicos e profissionais, de forma articulada indispensável para o efetivo exercício das vivências ética, estética e crítico – reflexiva.

Assim, segundo as vivências promovidas pela trajetória formativa, esse profissional possa adquirir uma atitude transgressora, no sentido de reverter, e ampliar limites de conhecimento das disciplinas concernentes às linguagens artísticas, bem como a sua inserção e valorização social.

Espera-se que diante da proposição do atual Currículo, o profissional seja estimulado a dar continuidade ao seu processo formativo, buscando ampliação destes conhecimentos através dos cursos de pós-graduação.

Portanto, as competências e habilidades gerais sinalizadas por este documento são:

- Conhecer, dominar e aplicar adequadamente os conteúdos que embasam ensino-aprendizagem de Arte, de modo a atender critérios como: contextualização, articulação, pertinência, criatividade, significância;
- Estimular o espírito solidário, a consciência planetária, atitude cidadã, numa visão de totalidade que não restrinja apenas às práticas pedagógicas e específicas das docências em Arte, no espaço escolar;
- Conhecer, assumir postura crítico-reflexiva ante as políticas culturais, educacionais e buscar novos caminhos que visem superar obstáculos;
- Orientar as escolhas teóricas, metodológicas, didáticas por princípios éticos, políticos, estéticos e pela coerência epistemológica.
- Promover a conscientização e delineamento dos processos identitários do ensino de Arte na escola, bem como do profissional, professor de Arte, no sentido de maior valorização da Arte, do ensino e do profissional:
- Articular com competência uma prática pedagógica que valorize a arte, o professor e o educando, reconhecendo a presença da multiculturalidade caracterizada pela cultura popular erudita e de massa presente na contemporaneidade;
- Exercitar a vivência do planejamento, reflexão, realização e avaliação do ensino – aprendizagem, sob diferentes ângulos estratégicos de abordagem dos conteúdos, com vistas a uma melhor adequação às diferentes necessidades e perspectivas valorativas e culturais dos estudantes, comunidade e sociedade em geral;
- Avaliar a aprendizagem do educando considerando não só o desenvolvimento cognitivo, mas o emocional e demais inteligências e facetas que compõem o homem em sua totalidade,
- Desenvolver as capacidades perceptuais, criativas, expressivas, conectivista entre a Arte e demais disciplinas curriculares acadêmicos;

- Compreender o processo avaliativo como uma das possibilidades de detectar fragilidades com o fim de superá-las durante o processo, para que, findo o período o estudante possa ter conquistado a apropriação do conhecimento proporcionado, superação das dificuldades e fortalecida sua autonomia;
- Conhecer e saber escolher e bem conduzir os processos investigativos que permutam: produzir e ampliar conhecimentos; avaliar e melhorar a sua prática docente; exercitar a problematização no ensino da Arte; apontar outras possibilidades de intervenção na prática pedagógicas;
- Conhecer e dominar as novas tecnologias (hardware, software, e mídias) a fim de aplicá-las, convenientemente, às necessidades surgidas no processo de ensino – aprendizagem.

b) Habilidades Específicas

A articulação e fortalecimento relacional a Arte e educação foi recomendada pelos especialistas componentes da Comissão de Ensino de Artes Visuais da SESu/MEC, objetivando a formação do profissional do ensino da Arte a partir da vivência político - sensível e simplificado e vários fatores interferentes no processo

Além do exposto, fazem-se necessário atender às grandes questões científicas, tecnológicas, educacionais, sociais, e comunicacionais, necessárias ao ensino aprendizagem. Nesse sentido torna-se necessário buscar o entendimento de novas práticas pedagógicas, bem como a introdução de novos sistemas de avaliação educacional direcionada ao campo de atuação do Arte - Educador.

Diante do exposto, a paisagem contemporânea do ensino da Arte, segundo a proposta da SESu/MEC, em conjunto aos PCNs, pelas as competências e habilidades específicas da área a serem observadas pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí são:

- Usar as linguagens visuais em comunhão com as tecnologias emergentes como modo de expressão e comunicação estetizada, além de proposição de objetos artísticos;
- Conceber as linguagens artísticas como representações simbólicas das culturas “locais”, de modo a promover os processos dialéticos, críticos e reflexivos dos processos identitários;
- Vivenciar, planejar e criar nova proposição artística – culturais pela aplicação de avanços tecnológicos, cognitivos, comunicacionais, tecnológicas, e sensíveis da expressão do ideário humano;
- Desenvolver os potenciais perceptivos, criativos, expressivos, cognitivos, idiossincráticos e imaginativos, através do emprego das linguagens artísticas na leitura e re-significação do mundo.

Princípios Curriculares e Metodologias

O curso de Licenciatura em Artes Visuais apresenta uma estrutura curricular que visa propiciar ao educando movimento de aquisição, partilha reconstrução do conhecimento, focalizando o campo da Arte e da Cultura sob a visão dialética e dialógica. Portanto, tem como fundamento básico o paradigma teórico-prático, articulando a ampliação dos saberes com o conhecimento científico, pelo exercício integrado das ações de ensino, pesquisa e extensão, guiando-se pela ética, e, tendo por objetivo a análise crítica e a produção do conhecimento no âmbito da Arte.

O currículo alicerçado no fundamento básico, supracitado, almeja proporcionar aos educandos: vivência em Arte; desenvolver a análise crítica calcada nas noções entrecruzadas das múltiplas dimensões intervenientes na práxis político-pedagógica do ensino-aprendizagem em Arte: ênfase na intensificação do nível de significância das informações pelo educando, bem como o fortalecimento das interpretações idiossincráticas na leitura do cotidiano além de estimular o desenvolvimento, perceptual, criativo e a interação da noção de identidade-alteridade.

O currículo deve ser flexível e consoante com o ritmo das necessidades das mudanças que a sociedade da tecnologia e do conhecimento impõe. Para tanto o currículo deve aliar simultaneamente: o global e o local; Arte e Educação; teoria e prática; cognição e emoção sempre tendo como alvo o humano histórico, social, político e ético. Nessa paisagem, o conhecimento deve ser concebido como uma tessitura múltipla, holística.

O curso em apreço deverá ter como prerrogativas principais: formação integral, ética e estética do educando; a conjugação da teoria com a prática docente em Arte a partir do segundo bloco; a concepção da pesquisa como princípio norteador e alicerce da prática pedagógica; o manejo flexível do conhecimento entrecruzado, reconstruído, ressignificado, bem como, da sua articulação orgânica com a faceta política e social; o fortalecimento contínuo da busca da aprendizagem.

Outro ponto a ser observado é o fato de que o atual currículo vai contemplar a Educação: Especial e Meio Ambiente, obrigatória por lei, antes não contemplado no currículo anterior, de Licenciatura em Educação Artística.

Assim, tomando-se por base o exposto, o Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí – PARFOR-UFPI tem como pressupostos teórico-metodológicos curriculares constantes os itens seguintes:

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – Este princípio demonstra que o ensino deve ser compreendido como o espaço da produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.

Formação profissional para a cidadania – A UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.

Fundamentação da docência em Arte como cognição - uma vez que a epistemologia da Arte funda-se, prioritariamente, sobre três pilares básicos inter-relacionados: o fazer, a leitura e a contextualização, isto é, terá na Proposta Contemporânea.

Articulação orgânica dos componentes curriculares - de modos flexíveis e criativos, dispostos de tal forma, que seja minimizada a percepção de fracionamento, para em seu lugar emergir a noção de unidade, a partir da harmonia dialética entre as teóricas e práticas.

Conexão entre teoria e prática na construção de referências acerca da ética, estética, práxis-pedagógicas e políticas do conhecimento em Arte.

Organização curricular O curso terá presencial e tem orientação metodológica a Pedagogia da Alternância e prevê as duas dimensões de alternância de formativa integradas: *o tempo escola e o tempo comunidade*. As atividades tempo-escola serão realizadas nos meses de Julho e Janeiro, e mais dois encontros sistemáticos no intervalo de cada tempo-escola, totalizando em 72 dias. O restante

dos 200 dias letivos, isto é, os 128 dias, serão destinados às atividades que configuram a dimensão tempo-comunidade serão realizadas no espaço socioprofissional do aluno onde ele deverá refletir sobre os problemas, discutir com a comunidade e os colegas e levantar hipóteses acerca das soluções possíveis. Esta dimensão se concretizará em sala de aula a cada retorno par as atividades de tempo-escola, onde serão discutidas e socializadas.A integralização do curso será no período de 4(quatro) anos.Os conteúdos serão distribuídos na matriz curricular caracterizada pelo regime de blocos de disciplinas, denominadas de módulos. A cada ano serão integralizados dois módulos, onde estarão previstas atividades teóricas e práticas.

Sistemática de Avaliação

Neste projeto a concepção de avaliação pressupõe o processo de construção do conhecimento na totalidade do fenômeno educativo, isto é, observaremos além da avaliação do produto, a avaliação do processo ensino-aprendizagem. Neste aspecto, a avaliação deste curso ocorrerá em duas dimensões. A avaliação dos alunos e a avaliação do próprio curso, pela via do currículo.

Avaliação da aprendizagem

A avaliação dos alunos ou a avaliação específica do processo ensino-aprendizagem terá caráter processual e será realizada no decorrer das atividades do processo de ensino-aprendizagem como forma de subsidiar a aprendizagem. Assim, ela terá caráter diagnóstico, formativo e também somatório. Neste caso, será fundamentado na Resolução nº 043/95 do CEPEX/UFPI e será feita por disciplina e semestralmente. No início do curso será fornecida ao aluno esta resolução. A avaliação do processo formativo na dimensão tempo-escola será feita no decorrer das aulas presenciais. Sendo que, no final do tempo-escola será realizada também avaliação somativa. A avaliação do tempo-comunidade de cada disciplina será feita nos dois encontros com o professor. No encontro para o acompanhamento do que está sendo realizado pelos alunos, ou seja, as atividades praticas e no encontro onde estas experiências serão socializadas. Caso o aluno, não atinja a media 7,0 (sete) lhe será dada a chance de realizar um exame final, determinado pelo professor.

A avaliação do projeto também acontecerá de forma contínua e sistemática e contribuirá para o êxito da proposta, uma vez que ele servirá de tomada de decisão para continuidade das ações eficientes e mudanças de outras, cujo resultado foi negativo. Assim ao término de cada disciplina será feita a avaliação pelo aluno, através de um formulário e também do professor. Os coordenadores do curso serão responsáveis para tratar os dados colhidos destes formulários, complementá-los com conversas estabelecidas com os professores do curso e alunos, julgá-los e tomar a atitude devida. A idéia é tomar os indicadores desta avaliação para melhorar, sempre, a qualidade do ensino.

Nesta perspectiva, a avaliação do curso exige a avaliação do processo de formação: natureza e objetivos do curso e a avaliação da ação docente do profissional (professor/aluno) envolvidos no curso de Artes Visuais.

Avaliação do Currículo

A implantação e desenvolvimento curricular ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá ser acompanhados e, permanentemente avaliados, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários ao seu aperfeiçoamento. Neste caso, o currículo será avaliado considerando-se duas dimensões: PROCESSO e PRODUTO

Processo – durante a execução deste currículo, será observado se a aprendizagem dos alunos nas diversas disciplinas em termos de resultados parciais está se processando satisfatoriamente ou se necessitam de reformulação. Este trabalho realizar-se-á através da comparação das atividades realizadas com as planejadas, tendo em vista promover a melhoria curricular.

A cada ano será feita uma avaliação deste processo para se detectar se há necessidades de alteração.

Produto – após a conclusão de 01 (uma) turma em períodos consecutivos realizar-se-á uma avaliação, objetivando-se a visualização do conjunto de resultados previstos e realizados, permitindo um julgamento eficaz de todas as atividades desenvolvidas.

Para se realizar a avaliação do currículo será utilizada a seguinte metodologia:

- reunir periodicamente todos os professores, agrupados por disciplinas afins, com a finalidade de proporcionarem a integração curricular;
- controlar a elaboração dos planos de curso sem esquecer os elementos que compõem este plano;
- aplicar a cada final de período letivo, questionário de avaliação do desempenho do professor;
- reunir periodicamente os professores que trabalham com o programa de orientação acadêmica, para colher subsídios;
- Nesta perspectiva estará ocorrendo a avaliação do Projeto Político Pedagógico.

Estrutura do Curso

Tanto a matriz curricular, quanto a alocação de tempos e espaços curriculares, são organizados respeitando-se a legislação em vigor. As cargas horárias e os demais aspectos previstos, nos diversos dispositivos legais, referentes à Formação de Professores para a Educação

Básica, a estrutura curricular organizou-se nos assim denominados espaços curriculares, conjuntos de disciplinas que, pela similaridade dos campos de conhecimentos que aglutinam, contemplam os aspectos considerados básicos, na formação dos professores de Artes Visuais.

A organização curricular do Curso, neste sentido, estrutura-se em 6 (seis) espaços curriculares apresentados a seguir:

Conhecimentos Básicos de Artes Visuais;
Conhecimentos Básicos de Educação;
Conhecimentos de Linguagem;
Conhecimentos Complementares e/ou Interdisciplinares de Artes Visuais e de Educação;
Conhecimentos Metodológicos;
Estágio Curricular.

Infraestrutura de apoio ao Curso

O Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais funcionará com um corpo docente de professores que poderão ministrar disciplinas referentes à formação específica do curso. O curso conta com o apoio de professores de departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) e do Departamento de Filosofia. (DEF).

O Curso de Graduação em **Artes Visuais** tem as seguintes estruturas:

Salas de aula: 443(oficina de pintura),437-(ateliê de desenho),447,448,449(subdividida em quatro)450(ateliê de teatro) ,452(ateliê de escultura), 435(ateliê de gravura),443(desenho técnico)444(sala de leitura)445(biblioteca setorial).

Laboratórios: 436(laboratório de fotografia);451-LAPROV(laboratório de programação visual) e o LIMUS(laboratório de informática em musica)

Auditorio-446

Sala de vídeo

Sala de Mídias

Ateliês de Pintura e Gravura

Banheiros-Seis banheiros, um deles para cadeirantes.

O centro como um todo possui rampas de acesso para cadeirantes

Corpo Docente

O Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais funcionará com um corpo docente que poderão ministrar disciplinas referentes à formação específica do curso. O curso conta com o apoio de professores de departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) e do Departamento de Filosofia. (DEF).

Nome: Zozilena de Fátima Fróz Costa

Graduação: Artes Plásticas – UFMA
Titulação: Doutora
Pós-graduação: Comunicação e Semiótica – PUC- SP

Nome: Pollyana Jericó Pinto Coelho

Graduação: Artes Plásticas – UFPI
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Educação organizacional – UFPI

Nome: Lucia de Fátima de Araújo e Silva Couto

Graduação: Comunicação Social – UFPI
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Comunicação – UFRJ

Nome: Antonio Quaresma de Sousa Filho

Graduação: Educação Artística
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Artes - (New York University)

Nome: Odailton Aragão Aguiar

Graduação: Desenho e Música
Titulação: Doutor
Pós-graduação: Artes Visuais - PUC

Nome: Francisco das Chagas Amorim de Carvalho

Graduação: Artes Cênicas – IEP
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Artes Visuais - UEP

Nome: Eduardo Aguiar Bezerra

Graduação: Educação Artística- Hab. Desenho - UFPI.
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Educação organizacional - UFPI

Nome: Paulo de Tarso Batista Libório

Graduação: Filosofia – FDBFCL

Titulação: Especialista
Pós-graduação: Artes - UFOP

Nome: Paulo Castelo Branco de Vasconcelos Filho

Graduação: Arquitetura e Urbanismo – FAUSP
Titulação: Especialista
Pós-graduação: Arquitetura e Urbanismo - EESC

Nome: José de Ribamar Santos Costa Júnior

Graduação: Educação Artística- Hab. Desenho.
Titulação: Especialista
Pós-graduação: História da Arte e da Arquitetura - ICF

Nome: Evaldo Santos Oliveira

Graduação: Educação Artística- Hab. Artes Plásticas - UFPI.
Titulação: Especialista
Pós-graduação: História da Arte e da Arquitetura – ICF
CPF-228077213-20

Nome: Juliana Castelo Branco de Noronha Campus

Graduação: Educação Artística- Hab. Artes Plásticas - UFPI.
Titulação: Mestre
Pós-graduação: Comunicação e Semiótica-PUC-SP

Nome: Nubia Canejo

Graduação: Educação Artística- Hab. Artes Plásticas - UFPI.
Titulação: Especialista
Pós-graduação: História da Arte e da Arquitetura – ICF

Conhecimentos básicos de Artes Visuais

Os Conhecimentos Básicos de Ciências são compostos pelas disciplinas de caráter específico de Artes Visuais, teóricas e experimentais. Esses conhecimentos formam uma base comum de formação do licenciado em Artes Visuais e as disciplinas associadas a eles estão discriminadas na tabela 1.

Tabela 1: Conhecimentos Básicos de Artes Visuais

	Nome da Disciplina	Carga horária
01	Composição	30
02	Psicologia da Percepção e da Forma	30
03	Patrimônio Material e Imaterial	30
04	Desenho Artístico e de Perspectiva	30
05	Metodologia do Ensino em Artes	45
07	História das Artes Visuais	60
08	Análise e Exercício dos Materiais Expressivos	45
09	História da Arte no Brasil	30
10	Estética e Filosofia da Arte	45
11	Poéticas Visuais	30
12	Fundamentos da Linguagem Visual	60
13	Multimeios (Fotografia)	30
14	Oficina de Pintura	30
15	Expressão em volume e Gravura	45
16	Crítica da Arte Moderna e Contemporânea	30
17	Desenho de Observação, Modelo Vivo e	45
18	Introdução e Laboratório de Comunicação Visual	30
19	Cinema e Vídeo	30
TOTAL PARCIAL		660

Conhecimentos de formação pedagógica

Fazem parte dos Conhecimentos Básicos de Educação as disciplinas de caráter específico de formação pedagógica comum a todos os Cursos de Formação de Professores da Educação Básica da UFPI, exceto a disciplina de Metodologia do Ensino Específica que faz parte dos conhecimentos metodológicos, estão definidas na tabela 2.

Tabela 2: Conhecimentos de Formação Pedagógica

Ordem	Nome da Disciplina	Carga horária
1	Fundamentos Históricos e Legais da Educação	45
2	Fundamentos Sócio-Antropológico da Educação	60
3	Fundamentos Psicológicos da Educação	45
4	Gestão e Organização do Trabalho Educativo	45
5	Avaliação da Aprendizagem	30
6	Didática	45
Total Parcial		270

Conhecimentos de linguagem

O espaço curricular dos Conhecimentos de Linguagem é composto pelas disciplinas que desenvolvem linguagens necessárias ao entendimento do específico de Artes Visuais, constante na tabela 3.

Tabela 3: Conhecimentos de Linguagem

Ordem	Nome da Disciplina	Carga horária
01	Fundamentos da Linguagem Visual	60
02	Composição	30
Total Parcial		90

Conhecimentos complementares e/ou interdisciplinares

Articulando estes conhecimentos, organiza-se o espaço curricular dos conhecimentos complementares que enriquecerão a formação do aluno. A tabela 4 apresenta as disciplinas que contemplam este área de conhecimento.

Tabela 4: Conhecimentos complementares e/ou interdisciplinares

Ordem	Nome da Disciplina	Carga horária
01	Historia das Artes Visuais	60
02	Introdução ao Trabalho Científico e a Pesq. em Artes Visuais	30
03	Metodologia do Ensino de Artes Visuais	45
04	LIBRAS	45
05	Leitura e Produção de texto	30
06	Ética e Educação	30
Total Parcial		240

Conhecimentos metodológicos

No espaço curricular **Conhecimentos Metodológicos**, encontram-se as disciplinas, que, por estabelecerem uma articulação entre os conhecimentos específicos de Ciências e de Educação, conferirão ao aluno as competências e habilidades para o exercício de suas futuras atividades

docentes, junto a escolas de Ensino Fundamental. No contexto da proposta, essas disciplinas podem ser consideradas como uma das soluções para diminuir o distanciamento entre o conhecimento específico e o escolar. Esse conjunto é formado pelas disciplinas de Metodologia e Instrumentação para o Ensino de Artes Visuais e pelo Trabalho de Conclusão de Curso apresentados na tabela 5.

Tabela 5: Conhecimentos Metodológicos

Ordem	Nome da Disciplina	Carga horária
01	Seminário de Introdução ao Curso	15
02	Metodologia para o Ensino de Artes Visuais	45
03	Trabalho de Conclusão de Curso I	30
04	Trabalho de Conclusão de Curso II	30
Total Parcial		120

Estágio Curricular Supervisionado de Ensino

Em conformidade com a Resolução CNE/CP nº 2/2002, art. 1, parágrafo único, o **estágio curricular supervisionado** compreenderá 210 horas de atividades e serão distribuídas em duas disciplinas conforme discriminadas na Tabela 6.

Tabela 6. Estágio Curricular Supervisionado de Ensino

Ordem	Nome da Disciplina	Carga horária
01	Estágio Supervisionado I	90
02	Estágio Supervisionado II	120
Total Parcial		210

Prática como componente curricular

A **prática como componente curricular** na formação docente da Educação Básica ocorrerá desde o início do Curso, articulando-se de forma orgânica com as disciplinas teóricas. Será desenvolvida a partir de procedimentos de observação direta e reflexão do futuro licenciado para a sua atuação contextualizada enquanto profissional. Esta execução configurar-se-á como uma expressão da ação conjunta dos professores envolvidos com o Curso. Como determina as normas atuais, (Resolução 02/2002-CNE), a prática como componente curricular está inserida tanto nas disciplinas pedagógicas bem como nas disciplinas de conteúdo específicos.

Dessa maneira, o aluno aplicará seus conhecimentos teóricos e da prática científica nas

escolas, permitindo o desenvolvimento do aluno de graduação reflexivo na ação. Para que ocorra, se faz necessário a realização de práticas em sala de aula acerca dos conteúdos das disciplinas teórico-práticas com uma carga horária total de 360 horas (24 créditos teórico-práticos), quantidade proporcional a aquela existente no curso normal de Licenciatura em Artes Visuais. As disciplinas que compõem este elenco na matriz curricular deste curso são apresentadas na tabela 7.

Tabela 7. Prática como componente curricular

Disciplinas	C.H.	Créditos	Bloco
In. ao Trab. Cie. e a Pesq. Em A.Visuais	15h	1.1.0	I
Leitura e Produção de Texto	15h	1.1.0	I
Fund. Hist. E Legais da Educação.	15h	2.1.0	I
Fund. Sócio Filosóficos da Educação.	15h	3.1.0	I
Fundamentos Psicológicos da Educação	15h	2.1.0	I
Fundamentos da Linguagem Visual	15h	3.1.0	I
Composição	15h	1.1.0	I
Des. De Observ. Mod. Vivo e Anatômico.	15h	1.2.0	II
Estética e Filosofia da Arte	15h	2.1.0	II
Didática	15h	2.1.0	II
Avaliação da Aprendizagem	15h	1,1,0	II
Anal. e Exerc. De Tecn. E Mat. Expre.	15h	1.2.0	III
Multimeios (Fotografia)	15h	0.2.0	III
Metod. Do Ensino da Arte.	15h	2.1.0	III
LIBRAS	15h	2.1.0	III
TCC I	15h	1,1,0	III
Expressão em Volume E Gravura	15h	1.3.0	IV
Oficina de Pintura	15h	1,2,0	IV
Introd. E Lab. De Comunic. Visual.	15h	1,1,0	IV
Gestão e Org. do Trab. Educativo.	15h	1,1,0	II
Poéticas Visuais	15h	1,1,0	IV
TCC II	15h	2.2.0	IV
Total	330h	32.29.00	4blocos

Formatado: Fonte: Arial, 11 pt

Atividades dos Estágios Supervisionados

Em observância à Resolução nº 1, 11 de fevereiro de 2009, do Conselho Nacional de Educação, no seu art. 6º, as **atividades dos Estágios Supervisionados I** e as **atividades dos Estágios Supervisionados II** serão, preferencialmente, realizadas na própria escola e com as turmas que estiverem sob responsabilidade do professor-estudante, na área ou disciplina compreendida no escopo da segunda licenciatura. As atividades serão orientadas por um projeto de melhoria e atualização do ensino, realizado sob supervisão concomitante da instituição formadora e da escola.

Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um instrumento de iniciação científica desenvolvido em 2 (duas) disciplinas obrigatórias para a integralização curricular. O anexo I apresenta o regulamento sobre o TCC. São objetivos do TCC:

- a) Aprofundar conhecimentos em área específica;
- b) Incentivar o interesse por atividades de pesquisa; e
- c) Formar um profissional com melhor visão científica da área em que vai atuar.

Integralização curricular

O currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais de segunda modalidade presencial especial da UFPI terá carga horária total de 1395 horas. No quadro, a seguir, as cargas horárias teóricas das disciplinas de Conhecimentos Básicos de Artes Visuais, de Educação, dos Conhecimentos de Linguagem e Metodológicos foram agrupadas no item Conteúdos Curriculares e as cargas horárias práticas em laboratórios e de formação docente presentes nessas mesmas disciplinas foram somadas para compor a Prática Curricular. A tabela 8 mostra a distribuição de carga horária e de créditos das diversas atividades necessárias para a integralização curricular do curso.

Tabela 8: Quadro Resumo da Carga Horária de Integralização do Curso

Atividades	Créd.	C.H.
Conteúdo Curricular	78	1.170
Prática Curricular	22	330
Estágio Curricular Supervisionado de Ensino	14	210
TOTAL GERAL	93	1395

Estrutura Funcional e duração do curso

Estruturado em sistema de créditos, com cada crédito equivalente a 15 horas, o curso de Artes Visuais é dividido em 4 (quatro) períodos para a integralização. A carga horária total do curso de 1.395 horas corresponde a 93 créditos, é distribuída em 33 disciplinas e terá duração ideal de 2 (dois) anos, funcionando diuturnamente nos períodos de férias do calendário universitário. Os prazos de integralização curricular da carga horária total são de:

Duração mínima: 2,0 anos

Duração máxima: 3,0 anos

Os limites máximos de carga horária a ser cursada por período serão de 360, distribuída conforme fluxograma e matriz curricular do curso apresentados a seguir:

Fluxograma do Curso

MÓDULO 1		MÓDULO 2		MÓDULO 3		MÓDULO 4				
SEMINÁRIO DE INTRODUÇÃO AO CURSO		E OBSER.-MOD. VIVO E DES. ANAT		NAL. E EXERC. DE TEC. E MAT. EXP		EXPRESSÃO EM VOLUME E GRAVURA				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
1 0 0	15	1 2 0	45	1 2 0	45	1 2 0	45			
INIC. AO TRAB. CIENT. E A PESQUISA EM ARTES VISUAIS		HISTORIA DAS ARTES VISUAIS		DES,ARTISTICO E DE PERSPECTIVA		OFICINA DE PINTURA				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
1 1 0	30	4 0 0	60	0 2 0	30	0 2 0	30			
LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO		ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE		MULTIMEIOS-FOTOGRAFIA		INTRO. E LAB.DE COMUNI. VISUAL				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
1 1 0	30	2 1 0	45	0 2 0	30	1 1 0	30			
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E LEGAIS DA EDUCAÇÃO		PSIC. DA PERCEÇÃO E DA FORMA		HISTORIA D ARTE NO BRASIL		CRITICA DA ARTE MOD. E CONTEMP.				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
2 1 0	45	2 0 0	30	2 0 0	30	2 0 0	30			
FUNDAMENTOS SÓCIO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO		DIDÁTICA		ET DO ENSINO DAS ARTES VISUA		ÉTICA E E EDUCAÇÃO				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
3 1 0	60	2 1 0	45	2 1 0	45	2 0 0	30			
FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO		GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO		ESTAGIO SUPERVISIONADO I		POÉTICAS VISUAIS				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
2 1 0	45	2 1 0	45	0 0 6	90	1 1 0	30			
FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL		AVALIAÇÃO DA PRENDIZAGEM		LIBRAS		TCC II				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
3 1 0	60	1 1 0	30	2 1 0	45	2 2 0	60			
COMPOSIÇÃO				TCC I		CINEMA E VIDEO				
CRÉDITOS	CH (h/a)			CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
1 1 0	30			1 1 0	30	2 0 0	30			
PÁTRIMONIO MATERIAL E						ESTÁGIO SUPERVISIONADO II				
CRÉDITOS	CH (h/a)					CRÉDITOS	CH (h/a)			
1 1 0	30					0 0 8	120			
TOTAL MÓDULO 1		TOTAL MÓDULO 2		TOTAL MÓDULO 3		TOTAL MÓDULO 4				
CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)	CRÉDITOS	CH (h/a)			
14 7 0	345	14 6 0	300	8 9 6	345	11 8 8	405			
CRÉDITOS		CC	PC	ESTÁGIO	CARGA HORÁRIA	CC	PC	ESTÁGIO	CARGA HORÁRIA INTEGRAL	1395
		47	30	14	705	450	210		91	

Matriz Curricular

As disciplinas que compõem a matriz curricular do curso de Artes Visuais no âmbito do PARFOR implantado na UFPI são apresentadas na tabela 9.

Tabela 9. Matriz Curricular

--	--	--	--

BLOCO I V– 405 h

DISCIPLINA	T	P	HORAS-AULA
Expressão em Volume e Gravura	1,2.0	*15	45
Oficina de Pintura	0,2.0	*15	30
Introdução e Lab. De Comunicação Visual.	1,1.0	*15	30
Critica da Arte Moderna e Contemporânea	2.0.0		30
Ética e Educação	1.1.0		30
Poéticas Visuais	1.1.0	*15	30
TCC II	2.2.0	*15	60
Cinema e Vídeo	2.0.0		30
Estagio Supervisionado II	0.0.8		120

Formatado: Fonte: 11 pt

SÍNTESE

(*) Prática como Componente Curricular	330 (h/a)
Total de eixos	895h
Atividades complementares	200h
TCC	90h
Estágio Obrigatório	210h
TOTAL GERAL	1.395h

LEGENDA:Carga Horária (CH); Conteúdo Curricular (CC); Prática Curricular(PC);Estágio (EST)

Ementas das Disciplinas e suas Bibliografias

As disciplinas básicas deverão ser desenvolvidas de forma a proporcionar aos estudantes de Licenciatura em Artes Visuais o conhecimento dos princípios físicos, químicos e biológicos envolvidos em cada subárea do conhecimento, deixando clara a interdisciplinaridade dos mesmos com essas áreas, apresentando a forma como estes conteúdos são repassados aos estudantes do Ensino Fundamental, enfocando suas aplicações no cotidiano dos estudantes bem como enfatizando aplicações tecnológicas atuais.

EMENTÁRIOS E BIBLIOGRAFIAS DAS DISCIPLINAS

BLOCO 01

Seminário de Introdução ao Curso – Artes Visuais

O PPP – Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais. Sobre a Legislação da UFPI.

Bibliografia Básica

PIAUÍ, UFPI. **Estatuto da UFPI**. Teresina: Edufpi, 1999.

PIAUÍ, UFPI. **Regimento Geral da UFPI**. Teresina: Edufpi, 1999.

PIAUÍ, UFPI. **Projeto Político Pedagógico do Curso de História da UFPI para o Campus Senador Helvidio Nunes Barros**. Teresina: 2007.

Bibliografia Complementar

INICIAÇÃO AO TRABALHO CIENTÍFICO E A PESQUISA EM ARTES VISUAIS

Metodologia do estudo e do trabalho acadêmico em arte. Elaboração de trabalhos científicos artísticos.

Problemática e forma de conhecimento artístico. Origem e evolução da ciência do método científico.

Bibliografia Básica

COSENZA, Gilse. Universitárias. Revista Presença Mulher, São Paulo, v. 6, n. 24, p. 6-7, jan./fev./mar., 1993.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2 ed, São Paulo: Atlas, 1991.

LOI, Isidoro. **A mulher**. São Paulo: Jabuti, 1988.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988..

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

VERA, Armando Asti. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Globo, 1976.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro,

[198_].

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968 (Biblioteca Tempo Universitário, 12).

BARROS, A. J. P., LEHFELD, N.A.S. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1986.

BASTOS, Lília da Rocha; PAIXÃO, Lyra; FERNANDES, Lucia Monteiro. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

COSTA, Antônio Fernando Gomes da. **Guia para elaboração de relatórios de pesquisa: monografia**. 2 ed. Rio de Janeiro: UNITEC. 1998.

Bibliografia Complementar

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas. 1989.

DIXON, B. **Para que serve a ciência?** São Paulo: Nacional, 1976.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERRARI, Alfonso Trijillo. **Metodologia da ciência**. 3 ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

GOOD, Willian Josian; HATT, Paul M. **Métodos de pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1977.

GRESSLER, L. A. **Pesquisa educacional**. São Paulo: Loyola, 1983.

HARRÉ, R. (Org.). **Problemas da revolução científica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. Rio de Janeiro, 1979.

JAPIASSU, Hilton F. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KERLINGER, F. N. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Edusp, 1980.

KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOURGANOFF, V. **A pesquisa científica**. São Paulo: Difel, 1961.

LAMBERT, K., BRITTAN, G. G.. **Introdução à filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, 1972.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Leitura e compreensão de textos. Processo de criação do texto escrito. Descrição. Narração. Dissertação.

Bibliografia Básica

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de textos: língua portuguesa para nossos estudantes**. Vozes, Petrópolis, 1992.

FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. **Prática de redação para estudantes universitários**. Vozes,

Petrópolis, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Brasiliense, São Paulo, 1994.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1980.

Bibliografia Complementar

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**. Scipione, SP, 1991.

MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Seliar. **Português instrumental**. Prodil, Porto Alegre, 1979.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Brasiliense, São Paulo, 1994.

SILVA, Ezequiel Teodoro Da. **O ato de ler**. Cortez, SP, 1984.

Fundamentos Históricos e Legais da Educação Brasileira

História da educação brasileira e piauiense (colônia, império e república) contextualização nos aspectos sócio-político-econômico-culturais. Problemas e perspectivas da Educação Brasileira na contemporaneidade. A dimensão política e pedagógica da organização escolar brasileira. A Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96)

. Bibliografia Básica

AZEVEDO, F. de. A transmissão da cultura, parte 3, 5a ed. A Cultura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BREZENZISKI, I. LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997.

HILSDORF, M.L.S. História da educação brasileira: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RIBEIRO, M.L.S. História da educação brasileira: a organização escolar. 12ª ed. São Paulo, SP: Cortez Editoras/Autores Associados, 1992.

SAVIANI, D. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.

VEIGA, C. G. História da Educação. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, R.F. História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

FERRO, M. do A.B. Educação e Sociedade no Piauí Republicano. Teresina: Fundação Cultural Monsi Chaves, 1996.

OLIVEIRA, R.P.; ADRIÃO, T. (Orgs). **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. São Paulo: Xamã, 2002

Bibliografia complementar

ARANHA, M.L. de A. **A história da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

BUFFA, E.; NOSELLA, P. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

CARVALHO, M. M. C. de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CURY, C.R.J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 4ª ed. São Paulo, SP: Cortez Editora/Autores

Associados, 1988.

CUNHA, L.A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

DI GIORGI, C. *Escola Nova*. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1992.

QUEIROZ, T. *Educação no Piauí*. Imperatriz: Ética, 2008.

FARIA FILHO, L. M. de (Org.). *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes*.

Belo Horizonte: HG Edições, 1999.

SOUSA, S.Z.L.; PRIETO, R.G. *Educação especial*. In: OLIVEIRA, R.P.; ADRIÃO, T. (Orgs). *Organização do ensino*

Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002.

Fundamentos Socio-Filosofico da Educação

O campo da Sociologia da Educação. A escola e os sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas. O campo educativo: sujeitos, currículos, representações sociais e espaços educativos. Filosofia e Filosofia da Educação. Concepções de Educação. As teorias e práticas educativas e suas dimensões ético-política e estética. A dimensão teleológica da práxis educativa.

Bibliografia Básica

ARANHA, M. L. de A. *Filosofia da educação*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

CHAUÍ, M. *Convite a Filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Atica, 2003.

GHIRALDELLI Jr., P. *Filosofia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IMBERT, F. *A questão da ética no campo educativo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

KANT, E. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: Ed. da Univ. Metodista de Piracicaba, 1996.

OSMON, H. A. *Fundamentos filosóficos da educação*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Bibliografia Complementar

HEGEL, G. W. F. *Discursos sobre educação*. Lisboa: Colibri, 1994.

IMBERNÓN, F. *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

MENDONÇA, A.W.; BRANDÃO, Z. (Orgs.). *Por que não lemos Anísio Teixeira?: uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 4ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. *Bourdieu & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

A ciência psicológica. A constituição da subjetividade. Desenvolvimento e aprendizagem. Transtornos e dificuldades de aprendizagem

Bibliografia Básica:

- AMIRALIAN, M.L.T. **Psicologia do excepcional**. São Paulo: EP, 1996.
- ARÍES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.
- BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- _____. **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo-SP: Cortez, 2001.
- BRAGHIROLI, E. M. et al. **Psicologia Geral**. 20ª ed. Petrópolis-RJ: Voz, 2001.
- CASTORINA, J. A. et al. **Piaget e Vygotsky: novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1996.
- COLL, C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia e educação**. Trad. Angélica Mello Alves, Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia e evolutiva**. Trad. Angélica Mello Alves, Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Trad. Angélica Mello Alves, Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COUTINHO, M. T. da C.; MOREIRA, M. **Psicologia Educacional: um estudo dos processos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação; ênfase na abordagem construtivista**. 3ª ed. Belo Horizonte-MG: LÊ, 1993.
- DAVIDOFF, L.L. **Introdução à Psicologia**. Trad. Lenke Perez. 3ª ed. São Paulo-SP: Makron Books, 2001.
- FERREIRA, M. e SANTOS, M. R. dos. **Aprender e ensinar, ensinar e aprender**. Porto: Afrontamento, 1996.
- FONTANA, R; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- GOMES, M. de F. C. **Relação entre desenvolvimento e aprendizagem: consequências em sala de aula**. In: *Presença Pedagógica*. V. 8. nº 45. p. 37-49.
- GOULART, I. B. **Psicologia da Educação – fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 2ª ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 1989.

Bibliografia Complementar

- _____. **Fundamentos psicológicos da educação**. Belo Horizonte-MG: LÊ, 1982.
- JOSÉ, E. de A.; COELHO, M.T. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1996.
- MOOL, L. **Vygotsky e a educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo-SP: EPU, 1999.
- _____. **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. São Paulo-SP: Moraes, 1985
- Bibliografia Complementar**
- NYE, R. D. **Três psicologias – Idéias de Freud, Skinner e Rogers**. Trad. Robert Brian Taylor. São Paulo-SP: Pioneira, 2002.
- NUNES. T. BARBOSA, L. e BRYANT, P. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática**. São Paulo-

SP: Cortez, 2001.

EY, F. G. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo-SP: Thomson, 2003.

SALVADOR, C. C. (org.). *Psicologia da educação*. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TELES, M.L.S. *O que é psicologia*. 6ª ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL

Elementos visuais e táteis da comunicação: ponto, linha, forma, configuração, cor/luz, textura e seu emprego na composição. Teoria Gestalt e de Rudolf Arnheim visando servir de instrumental metodológico para leitura da obra de arte, seguindo a linha da história da arte.

Bibliografia Básica

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação Visual*. Lisboa. Edições 70, 1968.

CID, Edemar Ferreira. *Artes Indígenas*. Associação Brasil 500 anos Artes Visuais. Fundação Bienal de São Paulo: 2000.

CELESTE, Mirian Martins. *Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo*. São Paulo. FTD, 1998.

OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

DONDIS, Donis. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

ALVAREZ, Denise; BARRACA, Renato. *Introdução a comunicação e artes*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997.

ALCURE, Lenina; FERRAZ, Maria N. S. ; CARNEIRO, Rosane. *Comunicação Verbal e Não verbal*. Rio de Janeiro - RJ ; Ed. SENAC, 1996.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. São Paulo. SP: Editora Campus, 1985.

PANOFSKY, Erwin. *Significado das artes visuais*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995. (Coleção Debates)

Bibliografia Complementar

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor Inexistente*. . Rio de Janeiro: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

WONG, Wucius. *Princípios de forma e desenho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOLLIS, Richard. *Design gráfico: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes; 2000.

ACCIOLO, Anna. *Marcas de valor no mercado brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, Rio, 2003.

Composição

Estudo das leis e regras que regem a estrutura composicional. Análise dos elementos visuais e táteis da composição e sua relação no espaço representacional. Análise formal e iconográfica da composição acompanhando os estilos artísticos usando a História da arte.

Bibliografia Básica

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.
JANSON, W. **História da Arte**. 4.ed. Lisboa: Fundação Gulbenkan, 1989.
CELESTE. Mirian Martins. **Didática do Ensino da Arte: a língua do Mundo**. São Paulo. FTD, 1998.
OSTROWER, FAYGA. **Universos da Arte**. São Paulo: Editora Campus, 1989.
MUNARI, Bruno. **Design e Comunicação Visual**. Lisboa: Edições 70, 1968.
PARRAMÓN, José. **Assim se compõe um quadro**. Barcelona. 1974. (Coleção Aprender Fazendo)
CARAS. Pinacoteca dos gênios da pintura. São Paulo; Editora Caras , 2000.

Bibliografia Complementar

BECKTI, Wendy. **História da Pintura**. São Paulo: Ática, 1997.
PIXCHEL, Gina. **História Universal da Arte**. Milão: Mirador Internacional, 1966 .
CID, Edemar Ferreira. **Artes Indígenas**. Associação Brasil, 500 anos de Artes Visuais. Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

Patrimônio Material e Imaterial

Conceituação: Tradição e globalização. Cultura popular e erudita no patrimônio nacional. Manifestações populares como forma de compreender a cultura produzida pelos povos e utilizada pela arte como objeto de arte. Historiografia dos estudos folclóricos. Folclore regional, festas cívicas, populares religiosas como atrativo potencial e real para a arte.

Bibliografia Básica

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2000.
BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí**. Teresina: Ed. Da UFPI, 1999.
BRITO, Ênio. **Anima Brasilis: identidade cultural e experiência religiosa**. São Paulo: Olho D'água, 2000.
CAILLOIS, Roger. **O Homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 2000.
CAMPOS, Paulo M. **Brasil brasileiro: crônica do país, das cidades e do povo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
CASCUDO, Luis da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
EDELWEISS, Frederico. **Apontamentos de Folclore**. Salvador: Edufba, 2001.
FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). **O obsceno: jornadas impertinentes**. São Paulo: Hucitec, 1995.
GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura**. Trad. De Eduardo Triandopolis. São Paulo: Annablume, 2004.
LARAIA, Roque Barros de. **Cultura: um conceito antropológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
LOUREIRO, Robson; DELLA FONTE, Sandra Soares. **Indústria /cultural e educação em "tempos pós-modernos"**.
LOSADA, Teresinha. **Artífice, artista, cientista, cidadão**. Teresina: Ed. da UFPI, 1996.
MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Lisboa: Ed. 70, 1976.
MATOS, Edilene. **O imaginário na literatura de Cordel**. Salvador: EDUFBA, 1998.
MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

Bibliografia Complementar

SANTOS, Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: 1993.
TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular: temas e questões**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
_____. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
VALLE, Edênio (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez, 1988.
VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira: o que é, como se faz**. São Paulo e Sorocaba: Loyola e Universidade de Sorocaba, 1999.
RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

BLOCO 02

DESENHO DE OBSERVAÇÃO-MODELO VIVO E ANATOMICO.

Desenvolvimento da linguagem do desenho como expressão artística fazendo uso de diferentes materiais e técnicas. Orientação sobre o uso adequado dos diferentes materiais usados na técnica de desenho: carvão, lápis de desenho e de cor, pastel. Exercitar a capacidade de observação das formas: enquadramento, linha do horizonte, ponto de fuga, luz e sombra, textura, verticalidade, proporção, perspectiva e croquis, incentivando desenho de mão livre.

Desenvolvimento das habilidades artísticas na construção do Desenho Anatômico fazendo uso do Modelo Vivo. Estudo da forma plástica do escorço, da proporção, volumetria, movimentos e expressões.

Bibliografia Básica

BARRETO, GILSON e MARCELO OLIVEIRA- *A arte secreta de Michelangelo- uma lição de Anatomia na capela sistina*, 3 ed. São Paulo, 2004.

COLLANA LEONARDO-*Anatomia per artisti - vinciana editrici, Fizzonasco(MI),2000.*

DERDYK, EDITH- *Formas de pensar o desenho- desenvolvimento do grafismo infantil-ed,scipione-São Paulo-1989.*

EDWARDS, Betty – *Desenhando com o lado direito do cérebro* – Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

HOCKNEY, David – *O conhecimento secreto – Redescobrimo as técnicas perdidas dos grandes mestres* – São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

Bibliografia Complementar

KANDINSKY, Wassily – *Ponto e linha sobre o plano* – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEE, Paul – *Diários*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIRÓ, Joan – *A cor dos meus sonhos – Entrevistas com Georges Raillard*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

Dicionário Oxford de Arte. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Edelbra, Erechim-RS.1994.

Desenho Artístico e Publicitário, São Paulo, IUB, 1976.

História das Artes Visuais

Contextualização, análise e leitura das produções artísticas visuais: desenho, pintura, gravura, escultura

e arquitetura da Pré-história até o século XIX. Principais artistas, estilos e escolas (análise formal e iconográfica).

Bibliografia Básica

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. **Arte e crítica de arte**. Lisboa: Editora Ática, 1992.
- BALZI, Joan José. **O impressionismo**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- BECKETT, Wendy. **História da Pintura**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- BENOIS, Luc. **História da Pintura**. 2.edição, Portugal: Gráfica Europam, 1981.
- CHALHUB, Samira. **Pós-modernismo e semiótica, cultura, psicanálise, literatura, artes plásticas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DE MICHELLI, Mário. **As vanguardas artísticas do século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FAURE, Élie. **A arte moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 15.ed., Lisboa: Guanabara Koogan, 1993.
- GONZALEZ, J. M. *et al.* **História do impressionismo**. Madrid: Mateo Como Artes Gráficas S.A. sd.
- GOMES, Alair de Oliveira. **Reviravoltas da arte no século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.
- GULLAR, Ferreira. **Etapas da arte contemporânea: do cubismo ao neoconcretismo**. São Paulo: Nobel, 1985.
- HOFSTATTER, Hans H. **Arte moderna: pintura, desenho e gravura**. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.
- JANSON, H. W. **História da arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAMBERT, Rosemary. **A arte do século XX**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

Bibliografia Complementar

- PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- REIS, Sandra L. **Educação artística: introdução à história da arte**. 2. edição, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1993.
- WALKER, John A. **A arte desde o pop**. Barcelona: Editorial Labor, 1977.
- WIGGINS, Colin. **Pós-impressionismo**. São Paulo: Editora Monole Ltda, 1994.

ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE.

Teoria, Estética e Filosófica da antiguidade a contemporaneidade. Origem do termo estética. Principais linhas de pensamento filosófico tendo por objeto a Arte.

Bibliografia Básica

- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade de arte**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Bibliografia Complementar

- WOLFFLIN, Heirich. **Conceitos Fundamentais de História da Arte**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

Psicologia da Percepção e da Forma.

Análise, das leis da percepção e *Gestalt* e sua aplicação na leitura da obra de arte, do objeto de arte tendo como fio condutor a Psicologia da Forma.

Bibliografia Básica

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. 3.ed. Rio de Janeiro : Editora Campus,
ARHEIN, Rudolf. **O Poder do Centro**. Edições Lisboa: Livraria Martins Fontes.
ARHEIN, Rudolf - **Art and visual perception**. Berkeley, Calif: University of California Press, USA, 1954.
KANDINSKY, Wasily - **Curso da bauhaus**. São Paulo: Editora Martins Fontes.
DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

Bibliografia Complementar

BARONI, Daniele - **Diseño Gráfico**. Ediciones Folio.
RUDER, Emil. **Manual Del Diseño Tipográfico**. Ediciones Gustavo Gilli S.A.
ITTEN, Johannes. **The Art of Color**. Van Nostrand Reimhold, USA.
_____, **The Elements of Color**. Van Nostrand Reimhold, USA.
ALBERS, Josef. **Interaction of Colors**. Yale University Press, USA.

Didática

Fundamentos epistemológicos da didática; A didática e a formação do professor; planejamento didático e organização do trabalho docente; Análise das experiências vivenciadas na escola na área de planejamento e execução de ações didático-pedagógicas.

Bibliografia Básica

BARRETO, Elza Siqueira de Sá. (org.) **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998
GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
HERNANDEZ, F; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.
LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loiola, 1985.
MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1989.
VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1989.
PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 19º ed. São Paulo, Ática, 1995
VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1989.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnica de ensino: Por que não?** Campinas: Papirus, 1993.

Bibliografia Complementar

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de & OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (orgs.). **Alternativas do ensino da didática**. Campinas/SP: Papirus, 1997.
FEKDMAN, Daniel. **Ajudar a ensinar: relações entre didática e ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
MOREIRA, Antonio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Maria Rita N. S. **A reconstrução da didática**: elementos teórico-metodológicos. Campinas/SP: Papyrus, 1991.

Avaliação da Aprendizagem

Paradigmas de Avaliação da Aprendizagem; concepções de Avaliação da Aprendizagem Vigente na escola; Práticas Avaliativas no Ensino Fundamental; Instrumentos de Avaliação.

Bibliografia Básica

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação**: Mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1996
LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1998
LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar**: julgamento e construção. 7ª edição. Ed. Vozes, 1994.
PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Bibliografia Complementar

LUDKE, Menga e MEDIANO, Zélia (coord.) **Avaliação na escola de 1º grau**: uma análise sociológica. 4a. edição. Editora Papyrus, 1997.
VASCONCELOS, Celso dos S. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação**: do “é proibido renovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Liberdade, 1998.

Gestão e Organização do Trabalho Educativo

Função Social da escola, gestão e política educacional. Descentralização e autonomia. A gestão da educação (diferentes espaços educativos) e da escola. Gestão Democrática. Planejamento Estratégico Educacional. Projeto Político Pedagógico. Competências e Habilidades do Gestor Educacional. Liderança.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2001,
Cortez, 1993. Cap. V,VI,VII,IX,XXIII.

LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2001,

Bibliografia Complementar

LIBANEO, J. C. et al. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. SP, Cortez, 2003.

DOURADO, L. F.; PARO, V. H. (Orgs.). Políticas públicas e educação básica. SP, Xamã, 2001.

TEIXEIRA, L.H.G. Cultura organizacional e projeto de mudança em escolas públicas. Campinas: Autores Associados, 2002.

BLOCO 03

ANÁLISE E EXERCÍCIO DOS MATERIAIS EXPRESSIVOS

Análise dos materiais e técnicas aplicadas ao plano bi-dimensional acompanhando a evolução das artes plásticas: suporte, camada de preparação (base), camada pictórica e de proteção; exercício das técnicas no plano: carvão, lápis (de desenho, de cera, pastel a seco e a óleo); tinta: composição (pigmento, carga e aglutinante), solvente e diluente ou veículos. Análise do comportamento físico/ mecânico Estudo das leis e regras que regem a estrutura composicional. □ Análise dos elementos visuais e táteis da composição e sua relação no espaço representacional. Análise formal e iconográfica da composição acompanhando os estilos artísticos usando a História da arte. Os materiais e técnicas aplicadas a tri-dimensionalidade acompanhando a evolução das artes plásticas. Argila: constituição e suas técnicas-modelagem (técnica da bola, do rolo, da placa, desbaste e acréscimo) e instrumentos usados para modelar; papel machê, espuma floral, isopor, técnica da glíptica: cimento celular, pedras brandas usadas para esculpir como: pedra sabão, pedra talco, etc.). Madeira: (constituição, tipos de madeiras usadas para talhar e técnicas); Instrumentos utilizados na talha: formões goivas, etc. Técnicas de acabamento em cerâmica: materiais (óxidos e esmaltes, ceras e outros materiais); Pesquisa e prática de materiais usados nas técnicas de modelagem aplicados ao ensino da Arte no ensino Fundamental e Médio: (massa de modelar “industrial e artesanal”, papel machê, espuma floral, isopor).

Bibliografia Básica

CLARK, Kenneth. **Manual del Alfarero, referencia completa y practica para todos los ceramistas**. Madrid: Hermano Blume.

SMITH, Stan. **Manual Del artista, equipo materiales, tecnicas**. Trad. de Juan Manuel Ibeas. Madrid: H. Blume Ediciones, s/d.

TUCKER, William. **A linguagem da escultura**. Trad. de Antonio Manfredinni. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

Bibliografia Complementar

PENIDO, Eliana & Costa, Sílvia de Souza. **Cerâmica**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional. 1999.

Desenho Artístico e de Perspectiva

O desenho como forma de expressão. Descondicionamento do olhar, composição e fundamentos da linguagem visual. Fundamentos das técnicas de perspectiva mais usadas (linear, isométrica, cavaleira, aérea etc.). O desenho de paisagens, naturezas mortas e edificações. O corpo humano. Aplicação de sombra e colorização.

Aplicação da perspectiva nas Artes. Breve histórico. Elementos fundamentais da perspectiva linear cônica. Perspectiva de observação. Métodos das artes visuais dominantes. Estudo geométrico das sombras e dos reflexos

Bibliografia Básica

ARNHEIN, Rudolf – **Arte e percepção visual – uma psicologia da visão criadora**. 6ed., São Paulo Ed. Da USP-1995.

Curso de Desenho e Pintura - Ed. Globo, Rio de Janeiro –1995.

Desenho Artístico e Publicitário, São Paulo, IUB, 1976.

DONIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. ED. São Paulo Martins Fontes -, 1991.

DWORICK, Silvio – **Em busca do traço perdido** - Ed. USP, Scipione, São Paulo, 1998.

EDWARDS, Betty – **Desenhando com o lado direito do cérebro**, Ed. Ediouro – São Paulo, 1984.

Harrison, Hazel – **Técnica de desenho e pintura – um curso completo de técnicas criativas e praticas**. Ed.Edelbra – Erechim – RS, 10094.

Munari, Bruno. **Fantasia, Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual**. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1981.

Munari, Bruno. **Comunicação Visual e Design**. Ed. Fontes. São Paulo, 1981.

Sousa, Edgar Rodrigues. **Praticando a Arte - noções básicas do desenho ARTISTICO** - Ed. Moderna, São Paulo, 1997.

AUDIBERTI, Gérard. **La Perspective Cavalière**. Paris: Association des Professeurs de Mathématiques de l'Enseignement Publique, 1990.

ASENSI, Fernando Izquierdo (1990). **Geometria Descritiva**. Madrid: Editorial Dossat, S.A. 597p.

ASENSI, Fernando Izquierdo (1990). **Ejercicios de Geometría Descritiva**. Madrid: Editorial Dossat, S.A. 505p.

MACHADO, Ardevan (1986). **Geometria Descritiva**. São Paulo : Projeto Editores Associados, 26° ed. 306 p.

PRÍNCIPE Jr. Geometria Descritiva. V. 1 e 2.

SPECK, José H. e PEIXOTO, Virgílio V. (1997) **Manual Básico de Desenho Técnico**. Florianópolis : Editora da UFSC, 180p.

CHING, Francis D. K.; **Dicionário visual de arquitetura**; São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

MONTENEGRO, Gildo A.; **A perspectiva dos profissionais: Sombras, insolação, axonometria**; São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

Bibliografia Complementar

KLEE, Paul. **Diários**. São Paulo: Martins Fontes, 1990

KLEE, Paul. **Sobre a Arte Moderna e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

LARAN, Jean e VALÉRY, Paul. **Vinte Gravuras de Corot**. Ilha de Santa Catarina: Editora Noa Noa, 1988

LORD, James. **Um Retrato de Giacometti**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

Manual do cartazista, Rio de Janeiro, SENAC, 1982.

Oliveira, Jô – **Explicando a Arte** - uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais - Ed. Ediouro, Rio de Janeiro – 2002.

Pedrosa Israel. **Da cor a cor Inexistente**. Rio de Janeiro, Ed. Leo Christiano, 1982.

LUCKHARDT, U; MELIA, P. - David Hockney, **a drawing retrospective** - Royal Academy of Arts/Thames and Hudson - 1995

WICK, Rainer. **Pedagogia da Bauhaus**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes,

Multimeios (Fotografia)

Princípio da câmara escura; luz, olho e visão; História da fotografia; Tipos de máquinas, lentes e acessórios; O ato de fotografar, iluminação e tipo de flash; Estúdio e Laboratório preto e branco.

Bibliografia Básica

ARNOLD, C.R. **Fotografia aplicada**. 1. Ed. Barcelona: Omega, 1974.

EVANS, Harold. **Testemunha ocular: 25 anos através das melhores fotos jornalísticas**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

LIMA, Ivan. **Fotografia e sua linguagem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Íris Foto, 1988.

_____. **Fotojornalismo brasileiro: realidade e linguagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1999.

OLIVER, Paulo. **Aspectos Jurídicos - Direito Autoral: fotografia e imagem**. São Paulo: Letras & Letras, 1991.

SALGADO, Sebastião. **Outras Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTHES, Roland. **A câmara clara, nota sobre a fotografia**. Janeiro, 1994.

CAPA, Robert. **Fotografias**. Cosac & Naify. São Paulo, 2001.

LANGFORD, Michael J. **Fotografia básica**. Lisboa: Dinalivro, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

SCHISLER, Millard W. L. **Revelação em preto e branco: a imagem com qualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Editora Arbor. Rio de Janeiro, 1981.

VILCHES, Lorenzo. **Teoria de la imagen periodística**. Paidós. Barcelona, 1987.

TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico: teoria e prática**. Editora Senac. São Paulo, 1901.

ALCÂNTARA, Araújo. **Terra Brasil**. DBA. São Paulo, 1998.

COSTA, Helouise Costa e Renato Rodrigues. **A fotografia moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

DALY, Tim. **Fotografia: digital: guia prático, um guia essencial para a criação de imagens digitais**. Lisboa: Livros e Livros, 2000.

DAVIES, Adrian, FENNESSY, Phil. **Digital imaging for photographers**. Editora Focal Press. Londres, 1999.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEDGECOE, John. **Manual do Fotógrafo**. Rio de Janeiro: Editora JB.. 1982.

HUMBERTO, Luis. **Universos & arrabaldes**. Rio de Janeiro: Editora núcleo de fotografia Funarte. 1983.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. Editora Ática. São Paulo, 1989.

LANGFORD, Michael J. **Tratado de fotografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LEDO, Margarita. Documentarismo fotográfico. **Êxodos e identidade**. Madri: Edições Cátedra, Signo e Imagem, 1998.

LISTER, Martin. **La imagnn fotográfica en la cultura digital**. Paidós. Barcelona, 1997.

PARENTE André (org). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Editora 34. Rio de Janeiro, 1993.

PEIXOTO, Nelson Brissac Peixoto. **Paisagens urbanas**. Editora Senac. São Paulo, 1996.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira**. Estação Liberdade, São Paulo, 1997.

RITCHIN, Fred. **In our own image, the coming revolution in photography**. Editora Aperture. Nova Iorque, 1990.

SAWYER, Bem. **Câmaras digitais**. Paraninfo. Madri, 1998.

SOUGEZ, Marie-Loup. **Historia de la fotografia**. Cátedra. Madrid, 2001.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. Editora Hucitec. São Paulo, 1998.

TRIGO, Thales e M. Lepiscopo. CD ROM História da Fotografia 1840-1960. São Paulo,: Ed.Senac, 1998.

Bibliografia Complementar

VASQUES, Pedro. **Fotografia, reflexos e reflexões**., Porto Alegre: L&PM

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Pioneira, 1990.

HEDGECOE, John. **Manual de Fotografia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**. São Paulo: Braziliense, 1984.

LIMA, Ivan. **A Fotografia e a sua Linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Editora, 1988.

HUYGHE, René. **O Poder da Imagem**. Lisboa: Edição 70, 1990.

MOLES, Abraham. **Arte e Computador**. Porto: Afrontamento, 1990.
ROSENBLUM, Naomi. **A World History of Photography**. New York: Abbeville Press, 1984.

História da Arte no Brasil

As manifestações expressivas do indígena brasileiro; o período colonial e a arte no Brasil do século XVI ao XIX: características formais e iconográficas. O século XIX e a transição para o século XX. Análise das principais tendências artísticas no Brasil dos anos 20 à década de 90. Contextualização. Análise e leitura das Artes Visuais no Brasil. Do Rococó a Arte Moderna e Contemporânea: principais tendências e principais artistas. Diálogo com Arte européia. Características formais e iconográficas.

Bibliografia Básica

CAVALCANTI, Carlos. **Como Entender a Pintura Moderna**. RJ/1981.
TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. Ed. FUNARTE. RJ/1980.
ETZEL, Eduardo. **Arte Sacra: Berço da Arte Brasileira**. Ed. Melhoramentos. SP/1985.
ÁVILA, Afonso *et al.* **Barroco 12: Arquitetura e Artes Plásticas**.
ARGAN, G. C. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
ARGAN, G.C. e FAGGILOLO, M. **Guia da História da Arte**. Lisboa: Estampa, 1990.
ADES, D. **Arte na América Latina**. SP: Cosac e Naify.
BAZIN, G. **História da História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
CHIPP, H. **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
DE FUSCO, R. **História da Arte Contemporânea**. Lisboa: Presença, 1988.
DORFLES, G. **Últimas tendências del arte de hoy**. Barcelona: Labor, 1976.
FABRIS, A.; ZIMMERNANN, S. **Arte Moderna**. SP. : Experimento, 2001.
FERREIRA, G; MELLO, C. C. (org) **Clement Greenberg e o Debate Crítico**, 1997.
FER, BRIONY *et al.* **Realismo, Racionalismo, Surrealismo: A Arte no entre Cavernas**. SP., Cosac e Naify 1998.
FRASCINA, F. *et al.* **Modernidade e Modernismo: A Pintura Francesa no séc. XIX**. SP: Cosac e Naify, 1998.
GOMBRICH, E. **História da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
HAUSER, A. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2v.

Bibliografia Complementar

HARRISON. C. *et al.* **Primitivismo, Cubismo, Abstracionismo: começo no séc. XX**. SP. Cosac e Naify, 1998.
JANSON, H.G. **História Geral da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
KRAUS, R. **Caminhos da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fones, 1998.

Metodologia do Ensino das Artes Visuais

Fundamentos teóricos da História do Ensino da Arte no Brasil: contextualização, análise e crítica; principais métodos utilizados ao longo do século XX (método do multipropósito, DBAE, proposta triangular,

41

etc); oficina de aplicação dos conteúdos estudados.

Bibliografia Básica

- ANTUNES, Celso. **Fascículos 1,3,4,5,7,11 e 14**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001 a 2003.
- AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Dissertação de Mestrado: **Movimento escolinhas de arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa**. (?)
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BARBOSA, Ana Mae. **História da arte-educação**. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1986.
- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BUORO, Anamélia B. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.
- BUORO, Anamélia B. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. SP: Educ / Fapesp / Cortez, 2002.
- COELHO, Pollyanna Jericó Pinto Dissertação de Mestrado: **O Impacto do curso de educação artística no ensino e na produção das artes plásticas em Teresina – PI**. UFPI, 2003.
- FERRAZ, Maria Heloísa & FUSARI, Maria F. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERRAZ, Maria Heloísa & FUSARI, Maria F. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

Bibliografia Complementar

- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MARTINS, Mirian et alii. **Didática do ensino da arte – a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília – DF: UNESCO, 2003.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Estágio supervisionado I

Investigação em laboratório (campo de experiencição) de práticas didático-pedagógicas,

considerando os aspectos legais, teóricos e metodológicos do ensino da Arte; a Arte como conhecimento, forma de conhecer e objeto de estudo; habilidades e competências no fazer artístico do educando; os saberes da educação estética e artística: fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores e sensibilidade na reflexão sobre Arte como objeto cultural e histórico; a avaliação no processo de ensino-aprendizagem da Arte.

Bibliografia Básica

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de Ensinar, Campinas: Papyrus, 2001
ANTUNES, Celso. Manual de Técnicas de Dinâmica de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia, Rio de Janeiro: Vozes, 1987
BARBOSA, Ana Mae (org.) Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte, São Paulo: Cortez, 2002.
FERRAZ, M.H. E FUSARI, M.F., Metodologia do ensino da Arte, São Paulo: Cortez, 1993.
FUSARI, M.F. E FERRAZ, M.H. Arte na Educação Escolar, São Paulo: Cortez, 1992.
HAIDT, Regina Célia. Curso de Didática Geral, São Paulo: Atica, 1994.
HERNANDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
IAVELBERG, Rosa – Para Gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores Porto Alegre: Artmed, 2003

Bibliografia Complementar

MARTINS, M.C. et al. Didática do Ensino da Arte. São Paulo:FTD, 1998
TATIT, Ana & MACHADO, Maria Sílvia - 300 Propostas de Artes Visuais, São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
ZABALA, Antoni, A Prática Educativa - Como Ensinar, tradução Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.
ZÓBOLI, Graziella. Práticas de Ensino: subsídios para a atividade docente, São Paulo: Atica, 1999.
LDB (1996) /Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte (1997)

LIBRAS

O sujeito surdo: conceitos, cultura e a relação histórica da surdez com a língua de sinais. Língua de sinais enquanto língua dos surdos. Aspectos da organização educacional e cultural dos surdos. Aspectos gramaticais da língua de sinais. Atividades de base para a aprendizagem da língua de sinais para uso no cotidiano ou relacionado ao trabalho docente. Diferentes etapas utilizadas pelo contador de estórias para crianças surdas. Exploração **visual espacial das diferentes narrativas bem como da criação literária surda.**

Bibliografia Básica

Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, (1994: Salamanca). **Declaração de Salamanca, e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** 2. ed. – Brasília: CORDE., 1997.
QUADROS, R.M. Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilingue para Surdos. Rio de Janeiro: INES, 1997.
SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediacao, 1998.

Bibliografia Complementar

AHLGREEN, I. & HYLSTENSTAM, K. (eds). **Bilingualism in deaf education**. Hamburg: signum-verl., 1994.

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC I

Execução da pesquisa a ser apresentada sob a forma de um trabalho monográfico em Artes Visuais, cujo objetivo de pesquisa será da escolha do educando sob a orientação do professor orientador de acordo com as linhas de pesquisa.

Bibliografia Básica

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS**. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, [198_].
- BEAUD, Míche. **Arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CONTRANDIOPOULOS, André-Pierre *et al.* **Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura e financiamento**. Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 1994.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 3. ed. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva S.A., 1996.
- GIL, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico, procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 6. ed., São Paulo: Editora Atlas, 2001.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica, a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 5ª ed., São Paulo: Editora ATLAS S.A., 2003.
- MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para tese, dissertações e monografias**. 5.ed., Londrina: Eduel, 2003.
- NEGRA, Carlos Alberto. **Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Ed. ATLAS S.A., 2003.
- REY, Luis. **Planejar e redigir trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1993.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica, tcc, monografias e, dissertação e tese**. 4.ed., Rio de Janeiro: Ed. Impetus, 2003.

Bibliografia Complementar

BLOCO 04

Expressão em Volume e gravura

Conhecimento, planejamento, produção e abordagem criticam das produções da linguagem escultórica, das técnicas da edição ou modelagem, articulando os elementos do fazer artístico, da leitura de objeto e da contextualização histórico-cultural. Materiais e técnicas da expressão em volume. Instrumentos usados na técnica de modelagem. Moldes: função e tipos. Linguagem da escultura: contextualização temporal

e espacial. Técnicas da escultura: subtração, glíptica e entalhe construção e fundição bem como técnicas mistas utilizando vários suportes.

Definição do princípio da gravura: matriz e cópia; raciocínio básico; suas formas básicas (relevo entalhe e planografia); breve histórico evolutivo da técnica de gravura (da pré-história a contemporaneidade); técnicas mais adequadas ao ensino da arte: carimbos, monotipia, xerografia, xilogravura estabelecendo diálogo coma a cultura popular nordestina, no sentido de valorizar as raízes do povo através da literatura de cordel; materiais e instrumentos usados nas técnicas de gravura: em preto em branco, colorida e desdobramentos.

Bibliografia Básica

CLARK, Kenneth. **Manual del Alfarero: referencia completa y practica para todos los ceramistas**. Madrid: Hermano Blume.

SMITH, Stan. **Manual Del artista: equipo materiales, tecnicas**. Trad. de Juan Manuel Ibeas. Madrid: H. Blume Ediciones, s/d.

TUCKER, William. **A linguagem da escultura**. Trad. de Antonio Manfredinni. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

PENIDO, Eliana & Costa, Sílvia de Souza. **Cerâmica**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional. 1999.

Coleção: O trabalho dos escultores. Melhoramentos

CLARK, Kenneth. **Manual del Alfarero, referencia completa y practica para todos los ceramistas**. Madrid:Hermano Blume.

CAMARGO, Iberê. **A gravura**. Rio de Janeiro: Topal, 1975.

CLÍMACO, José Cesár Teatini de Souza. **Manual de litografia sobre pedra**. Coleção Quíron. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

REZENDE, RICARDO. **Os desdobramentos da gravura contemporânea**. In: **Arte Brasileira do século XX**. São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

COSTELA, Antônio. **Introdução à gravura e história da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.

_____. **Introdução à gravura e história da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.

FAJARDO, Elias & SUSSEKIND, Felipe VALE, Márcio. **Oficinas: gravura**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

BOSSE, Abraham, 1602-16767-Tratado **da gravura a água forte, e a buril, em maneira negra com o modo deconstruir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce** / Abraham Bosse ;trad. do francez...por José Joaquim Viegas MenezesLisboa : Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801. - [8], X, 189 p. , [1], 21 grav. : il. ; 20 cm BN B.A. 413 P.

CHAVES, Luís, 1888-1975-**Subsídios para a história da gravura em Portugal** / Luis Chaves

Coimbra : [s.n.], 1927. - 197, [4] p. : il. ; 23 cm. - (Subsídios para a história da arte em Portugal ; 24) BN B.A. 1595 V.

Bibliografia Complementar

SMITH, Stan. **Manual del artista, equipo materiales, tecnicas**. Trad. de Juan Manuel Ibeas. Madrid:H. Blume

Ediciones, s/d.

TUCKER, William. **A linguagem da escultura**. Trad. de Antonio Manfredinni. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

PENIDO, Eliana & Costa, Silvia de Souza. **Cerâmica**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional. 1999.

Coleção: O trabalho dos escultores. Melhoramentos

SANTOS, Antonio Ribeiro dos, 1745-1818-**Memoria sobre as origens da typografia em Portugal no seculo XV** / António Ribeiro dos Santos na Officina da mesma Academia. - Lisboa 1792-1814. - Memorias de litteratura. - V.

Pintura

Definição de pintura como técnica expressiva; breve contextualização das técnicas pictóricas usando com referencial teórico a História da Arte dando ênfase na sua função como artesanía. Exercício e estudo das técnicas tradicionais de pintura: guache, têmpera, nanquim, aquarela, óleo, acrílica e mista.

Estudo, vivência e crítica das tendências da Arte Contemporânea: planejamento, e execução de objeto que reflita originalidade e idiosincrasia do propositositor.

Bibliografia Básica

OLIVA, Achille Borrito. **Aspectos da pintura italiana do apos-guerra aos nossos dias** / Achille Borrito Oliva - Colaborador, Tammaso Trini - Colaborador. Rio de Janeiro, Museu de Belas Artes, 1989.

OTT, Carlos. **Pintura e escultura** / Carlos Ott, Joaquim Cardoso - Colaborador, Nair Batista - Colaborador. Sao Paulo, USP, 1978. 2 v.. (Textos Escolhidos da Rev. do Inst. do Patrimonio Hist. e Artistico Nacional, 8). 1 ex vol 1 1 ex vol 2 1 ex

PISCHEL, Gina. **Historia universal da arte; arquitetura, escultura, pinturae outras artes**. 2 ed. Sao Paulo, Melhoramentos, 1966. 237p. 2 ed 1 ex

ROWLAND, Benjamin. **Pinturas indias en las cavernas de Ajanta**. Barcelona, Rauter, 1963. 28p. (UNESCO - Rauter Bolsilibros de Arte, 8). 1 ex

SMITH, Ray. **Introducao a pintura a oleo**. Sao Paulo, Manole, 1994. 72p. 1 ex

TEIXEIRA, Dante Martins. **A Alegoria dos Continentes de Jan van Kessel, o velho (1626-1679): uma visao seiscentista da fauna dos quatro cantos do mundo**. s.l., Index, s.d.. 143p. (Brasil Holandes, 3). 1 ex

TERRASSE, Antoine. Edgar Degas. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 5). 1 ex

TRINI, Tammaso. **Aspectos da pintura italiana do apos-guerra aos nossos dias** / Achille Borrito Oliva - Colaborador, Tammaso Trini - Colaborador. Rio de Janeiro, **Museu de Belas Artes**, 1989. 122p. 2 ex

WIGGINS, Colin. **Pos-impresionismo**. Sao Paulo, Manole, 1994. 64p. 4 ex

WILDENSTEIN, Daniel. Paul Gauguin / Daniel Wildenstein, Raymond Cogniat - Colaborador. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 1). 1 ex

WILDENSTEIN, Daniel. Claude Monet. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 6). 1 ex

A Pintura espanhola. Rio de Janeiro, Ao LivroTecnico, 1979. 1v. 3 ex

Lopera completa do Segantini. Milano, Rizzoli, 1973. 128p. (Classici dellArte, 67). 1 ex

Lopera completa del Pisanello. Milano, Rizzoli, 1972. 1v. (Classici dellArte, 56). 2 ex

Gênios da pintura. São Paulo, Abril Cultural, 1973. 6 ex vol 7 1 ex

Galeria delta da pintura universal. Rio de Janeiro, Delta, 1977. 496p. 1 ex

BAGNALL, Brian. **Guia prática ilustrada de la pintura**. Barcelona: Editorial Hermann Blume, 1988.

BUENO, Maria Lúcia B. **Tintas naturais: uma alternativa à pintura artística**. 2. ed. - Passo Fundo: Eidiupf, 1998.

HAYES, Colin **Guia completa de pintura y dibujo: técnicas e materiales**. Madri: 1978.

MEDEIROS, J. **La pintura al óleo**. – São Paulo: Ed. Parma Ltda, 1980.
_____. **Como pintar a aquarela**. – Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint, 1987.
PARRAMÓN, Jose M. **Como pintar a la acrílica**. – Barcelona: Parramón Ediciones S.A.1989.
Server, Francisco A. et al. **Aquarela para principiantes**. – Colônia: Ed. Könemann, 2000.
SMITH, Ray. **Introdução à aquarela**. – São Paulo: Ed. Manole Ltda, 1994.
_____. **Como pintar em acrílico**. – São Paulo: Manole Ltda, 1994.

OLIVA, Achille Borrito. **Aspectos da pintura italiana do apos-guerra aos nossos dias** / Achille Borrito Oliva - Colaborador, Tammaso Trini - Colaborador. Rio de Janeiro, Museu de Belas Artes, 1989.
OTT, Carlos. **Pintura e escultura** / Carlos Ott, Joaquim Cardoso - Colaborador, Nair Batista - Colaborador. Sao Paulo, USP, 1978. 2 v.. (Textos Escolhidos da Rev. do Inst. do Patrimonio Hist. e Artístico Nacional, 8). 1 ex vol 1 1 ex vol 2 1 ex
PIGNATTI, Terisio. **Pintura; das origens ao fim do seculo XVIII**. Sao Paulo, Verbo, 1978.
PISCHEL, Gina. **Historia universal da arte; arquitetura, escultura, pintura e outras artes**. 2 ed. Sao Paulo, Melhoramentos, 1966.
ROWLAND, Benjamin. **Pinturas indias en las cavernas de Ajanta**. Barcelona, Rauter, (UNESCO - Rauter Bolsilibros de Arte, 8). 1 ex
SAGARO, J. de. Haga **croquis!**. 6 ed. Barcelona, LEDA, (Como se Hace, 7).6 ed 2 ex
SMITH, Ray. **Introducao a pintura a oleo**. Sao Paulo, Manole, 1994. 72p. 1 ex
TEIXEIRA, Dante Martins. **A Alegoria dos Continentes de Jan van Kessel, o velho (1626-1679): uma visao seiscentista da fauna dos quatro cantos do mundo**. S.l., Index, s.d.. 143p. (Brasil Holandes, 3). 1 ex

Bibliografia Complementar

TERRASSE, Antoine. **Edgar Degas**. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 5). 1 ex
TRINI, Tammaso. **Aspectos da pintura italiana do apos-guerra aos nossos dias** / Achille Borrito Oliva - Colaborador, Tammaso Trini - Colaborador. Rio de Janeiro, Museu de Belas Artes, 1989. 122p. 2 ex
WIGGINS, Colin. **Pos-impressionismo**. Sao Paulo, Manole, 1994. 64p. 4 ex
WILDENSTEIN, Daniel. Paul Gauguin / Daniel Wildenstein, Raymond Cogniat - Colaborador. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 1). 1 ex
WILDENSTEIN, Daniel. **Claude Monet**. Sao Paulo, Tres, 1973. 91p. (Os Impressionistas, 6). 1 ex
A Pintura espanhola. Rio de Janeiro, Ao LivroTecnico, 1979. 1v. 3 ex

Introdução e Laboratório de Comunicação Visual (Programação Visual)

Iniciando o aluno ao estudo das ciências da computação e dos elementos teóricos e práticos da programação visual. Tendo como suporte o computador e a linguagem computacional.
Programação visual desenvolvendo projetos individuais.

Bibliografia Básica

JACQUES, João Pedro. **Tipografia Pós-moderna**.Rio de Janeiro: Ed. 2 aB, 2002.
COLLARD, Antônio Celso. **Projeto Gráfico, teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Editorial, 1987.
COSTA FERREIRA, Orlando. **Imagem e letra**. São Paulo: EDUSP, 1994.
FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgar Blucher, 1986.
GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
HULBURT, Allen. **Layout, o design da página impressa**. São Paulo: Mosaico, 1980.

Bibliografia Complementar

DONDIS, A. Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
ESCOREL, Ana. **O efeito multiplicador do design**. São Paulo: SENAC, 2000.
HULBURT, Allen. **Lay-out - O design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 1989.
MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, s. d.
WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer**. São Paulo: Ed. Callis, 1995.

HILL Jr., F.S. **Computer Graphics using OpenGL**. Prentice-Hall, 2001. (2a. edição)
ANGEL, E. **Interactive Computer Graphics - A Top-Down Approach**. Addison-Wesley, 2000. (3a. edição)
WATT, A. **3D Computer Graphics**. Addison-Wesley, 2000. (3a. edição).
HEARN, D. e BAKER, P. **Computer Graphics - C Version**. Prentice Hall, 1997. (2a. edição).

FOLEY, J. D. et al. **Computer Graphics-Principles and Practice**. Addison-Wesley, 1990.
MORTENSON, M. **Geometric Modeling**. New York, Wiley, 1985.
ROGERS, D. F. et al. **Mathematical Elements for Computer Graphics**. McGraw-Hill, 1990.
ROGERS, D. F. **Procedural Elements for Computer Graphics**. McGraw-Hill, 1985.
WRIGHT, R.S. e SWEET, M. **OpenGL SuperBible**. Waite Group Press, 2000. (2a edição)

Crítica da Arte Moderna e Contemporânea

Rastro histórico: história da crítica da Arte; a relação da crítica e as ideologias políticas; o papel da crítica na sociedade pós-moderna; a crítica da arte e a história da arte: a crítica da forma, da imagem, das motivações e dos signos; a crítica da arte e a crise da representação na contemporaneidade.

Bibliografia Básica

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
ARTE & ENSAIOS. Revista do Programa da Pós-Graduação de Artes Visuais da EBA/UFRJ. (nºs de 01 a 11).
BASBAUM, Ricardo (org) **Arte Contemporânea Brasileira: Texturas, Dicções, Ficções, Estratégicas**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001
BATTOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo; vertice e ruptura do projeto construtivo**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 2a.ed.
COCCHIARALE, Fernando ; GEIGER, Anna Bella. **Abstracionismo Geométrico e Informal: a Vanguarda Brasileira nos Anos 50**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.
DUARTE, Paulo Sérgio. **Os Anos 60**. Rio de Janeiro: Campos Geraes, 1998.
DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. São Paulo: Papiros, 1994
FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília: **Clement Greenberg e o Debate Crítico**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
FOSTER, Hall. **Recodificação :arte, espetáculo, política cultural**. São Paulo: Casa Editorial ARTE & ENSAIOS. Revista do PPGAV da Escola de Belas Artes-UFRJ. (nºs de 01 a 11).
BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**, São Paulo: Martins Fontes, 1999
BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 2000
BATTOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
CAUQUELLIN, Anne. **Teorias da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2005
DANTO, Arthur. **Após o Fim da Arte**. São Paulo: Odysseus, 2006
DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia ?**, São Paulo : Ed. 34, 2000
DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**, v.1,2,3,4,5 São Paulo : Ed 34, 2001
DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**, São Paulo : Martins Fontes, 2000
DELEUZE, Gilles. **A imagem Tempo**. São Paulo: Brasiliense,1990
DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002
.
KEARNEY, Richard. **Poetics of Imagining**. Harper:London. 1991.

KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Gustavo Gili, 2003
MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**, São Paulo: Cosac&Naify, 2004
NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético**. São Paulo: Atica, 1992.
POPPER, Frank. **Art of the Electronic Age**. London: Thames & Hudson, 1997.
VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**. São Paulo: Martins Fonte

Bibliografia Complementar

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2000
DURAND, Gilbert. **O Imaginário**. São Paulo: Difel, 1999
GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método:Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997
HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.
JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001

Ética e Educação

Conceito de Ética, Ética e Moral, Concepções Éticas, a Ética educacional, a Ética na formação do educador, Ética Ambiental: desenvolvimento sustentável.

Bibliografia Básica

CATÃO, F. **A pedagogia ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
GALLO, S. **Ética e cidadania**: caminhos da Filosofia. Ed. Campinas: Papirus, 1999.
GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
NALINI, J. R. **Ética geral e profissional**. 4ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.
NOVAES, A. (org.) **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
RIOS, T. A. **Ética e competência**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
SÁ, A. L. de. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 1998.

Bibliografia Complementar

AHLERT, Alvor. **Eticidade da educação**. Ijuí – RS, UNIJUÍ, 1999.
AMOÊDO, S. **Ética do trabalho na era pós-qualidade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997. 107 p.
GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 2001.
RIBEIRO, L. T. et al. **Ética em três dimensões**: Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2000.
KOFF, E. D. **A questão ambiental e o ensino de ciências**. Goiânia: Editora da UFG, 1995

Poéticas Visuais

Idealização, investigação e realização de investigação artística de propostas híbridas, com base tanto nos processos generativos quanto nas linguagens que confluem para a materialização do objeto, de modo a contribuir para o aprofundamento das discussões e construção de conhecimento artístico, característicos das manifestações contemporâneas de (re) invenção de leituras de mundo.

Bibliografia Básica

DOMINGUES, Diana (org.). **A Arte No Século XXI**. S. Paulo: Unesp, 1997.
CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira**. S. Paulo: 2ª Ed. Lemos, 2002.
GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. S. Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
HEARTNEY, E. **Pós-Modernismo**. S. Paulo. Cosac & Nayfy, 2002.
HONNEF, Klaus. **Arte Contemporânea**. Colônia: Taschen, 1992.
ICI. **Porque Duchamp?** ICI. S. Paulo: Itaú Cultural: Paço das Artes, 1999.
OLIVEIRA, Nicolas de. **Installation Art**. Washington: Smithsonian, 1994.

Bibliografia Complementar

STANGOS, Nikos (org.). **Conceitos da Arte Moderna**. Rio de Janeiro. Ed. J. Zahar, 1995.

Monografia / Trabalho de Conclusão do Curso – TCC II

Execução da pesquisa a ser apresentada sob a forma de um trabalho monográfico em Artes Visuais, cujo objetivo de pesquisa será da escolha do educando sob a orientação do professor orientador de acordo com as linhas de pesquisa.

Bibliografia Básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, [198_].
BEAUD, Miche. **Arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
CONTRANDIOPOULOS, André-Pierre *et al.* **Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura e financiamento**. Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 1994.
ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 3. ed. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva S.A., 1996.
GIL, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico, procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 6. ed., São Paulo: Editora Atlas, 2001.
MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica, a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 5ª ed., São Paulo: Editora ATLAS S.A., 2003.
MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para tese, dissertações e monografias**. 5.ed.,

Londrina: Eduel, 2003.

NEGRA, Carlos Alberto. **Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Ed. ATLAS S.A., 2003.

REY, Luis. **Planejar e redigir trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica, tcc, monografias e, dissertação e tese**. 4.ed., Rio de Janeiro: Ed. Impetus, 2003.

Cinema e Vídeo

Introdução à história do cinema; as diferentes escolas e seu desenvolvimento; a linguagem cinematográfica; estudo da televisão e do vídeo como processo de comunicação visual.

Bibliografia Básica

ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1980.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Editora Papirus, 1997.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: entre a realidade e o artifício**. Porto Alegre: Ed.Artes e Ofícios, 2003.

Bibliografia Complementar

Sites de cinema: www.mnemocine.com.br, www.revistadecinema.com.br, www.contracampo.com.br

Estágio supervisionado II

Investigação do mercado de trabalho e do ensino da Arte no contexto local (Piauí), nacional e internacional. Aplicação dos saberes técnicos, didáticos e da experiência em função dos desafios apresentados pelo sistema educacional, no ensino formal e não formal, no meio urbano e rural. Construção de projetos e planos de curso apropriados ao ambiente da sala de aula ou às práticas extracurriculares, aperfeiçoamento de técnicas e recursos didáticos para a Arte-educação interdisciplinar e multicultural.

Bibliografia Básica

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1984.

_____, **Arte-educação no Brasil, das origens ao Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978 (Coleção Debates)

_____, **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. 3 ed. São Paulo: Editora Scipone, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1984.

_____, **Arte-educação no Brasil, das origens ao Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978 (Coleção Debates)

- _____, **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASSART, S.Fontanel. **A prática da Expressão Plástica, 60 fichas de trabalho criativo**. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1990.
- _____, **Formas de pensar o desenho, desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989.
- DUARTE JR. João-Francisco. **Por que arte-Educação?** Campinas: Papirus, 1994 (Coleção Ágere).
- _____, **Fundamentos Estéticos da Educação**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
- CAMARGO, Luís *et.al.* **Arte-Educação da pré-escola à Universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.
- FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral)
- _____, **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993 (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral)
- FRANGE, Lucimar Bello. **Noêmia Varela e a arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.
- LADEIRA, Idalina ; CALDAS, Sarah. Fantoche & Cia. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989.
- MARTINS, Mirian Celeste *et.al.* **Didática do ensino de arte, a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- _____, **Aprendiz da arte, trilhas do sensível olhar-pensante**.(folheto)
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Limites em expressão, licenciatura em artes visuais**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- WEISS, Luise. **Brinquedos & engenhocas, atividades lúdicas com sucatas**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1993.
- KOHL, MARYANN F. **O livro dos arteiros: arte grande e suja! mas fácil de limpar**. Trad. de Roberto Cataldo Costa.Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KOHL, MARYANN F.& SOLGA, Kim.**Descobrimos grandes artistas, a prática da arte para crianças**. Trad. de Roberto Cataldo Costa.Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KRISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

Bibliografia Complementar

- READ, Herbert. **A Educação pela arte**. Ttrad. de Ana Maria Rabaça e Luis Felipe Silva Teixeira. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola, uma perspectiva social**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- STABILE, Rosa Maria. **A expressão artística na pré-escola. Por onde começar?** São Paulo:FTD, 1988.

Avaliação da Aprendizagem

A Sistemática de avaliação da aprendizagem é feita de acordo com a Resolução No. 043/95 – CEPEX.

Procedimentos metodológicos

A relação teoria-prática e o princípio da ação-reflexão-ação estão presentes nesta proposta, através do estímulo e o emprego de métodos de ensino-aprendizagem de Ciências e suas Tecnologias, tanto nas dimensões cognitivas quanto nas atividades inerentes ao exercício da prática docente.

Da postura do professor

As disciplinas que constituem a matriz curricular da licenciatura estão divididas em: a) disciplinas teóricas, que enfatizam o conteúdo; b) disciplinas práticas, que enfatizam o fazer, comprovar e testar teorias; c) estágios e disciplinas em que serão discutidas as posturas teóricas e prática, frente ao conteúdo e ao universo de sua aplicação; e, d) e Atividades complementares, que irão enriquecer a formação do estudante.

Pretende-se que cada professor, ao ministrar a sua disciplina, esteja ciente dos objetivos e dos fins que norteiam a licenciatura, e assim, possa escolher uma metodologia ativa para dirigir a sua classe, oportunizando o diálogo com o aluno, sua participação efetiva na própria formação, possibilitando momentos de prática e crítica de postura docente. A sua assistência sempre atenta para ajudar a romper os obstáculos pedagógicos, promovendo as situações de teste que serão de importância capital para a formação de alunos competentes.

Perseguindo estes princípios, o professor de cada disciplina deverá seguir a sua bibliografia básica recomendada no projeto pedagógico. Suas atividades devem cobrar sempre a preparação do professor a nível fundamental, enfocando o conteúdo numa visão mais ampla e contextualizada, em função da parcela da sociedade em que se insere.

Da postura do aluno

Vale ressaltar que o objetivo final da licenciatura é sempre formar professores. Sabe-se, todavia, que a aprendizagem é um ato solitário, individual – alguém pode ensinar algo a alguém, porém ninguém aprende pelo outro. Assim, cabe ao aluno adotar uma postura de pesquisador, de busca, de formador de sua própria formação docente. Deve tomar sempre a direção do processo, ser solidário, estar sempre de prontidão, ir ao quadro com frequência, tornar esta participação algo comum e agradável, momento em que estará aprendendo plenamente.

Como o tripé ensino, pesquisa e extensão devem permanecer suportando a educação superior, não se podem isolar essas funções ou dicotomizá-las, daí porque a participação dos estudantes em curso e/ou projetos de extensão, de pesquisa, deve ser incentivada pelos Departamentos envolvidos, estabelecendo um vínculo entre a sociedade, a formação do docente e a contribuição social do Departamento.

Prática Curricular

De acordo com o Parecer CNE/CP 28/2001, “a prática não é uma cópia da teoria e nem esta é um reflexo daquela. A prática é o próprio modo como as coisas vão sendo feitas cujo conteúdo é atravessado por uma teoria. Assim a realidade é um movimento constituído pela prática e pela teoria como momentos de uma dever mais amplo, consistindo a prática no momento pelo qual se busca fazer algo, produzir alguma coisa e que a teoria procura conceituar o campo e o sentido desta atuação. Esta relação mais ampla entre teoria e prática recobre múltiplas maneiras do seu acontecer na formação docente”.

O cotidiano pedagógico do professor de Artes Visuais envolve, necessariamente, o ensino em ambos os ambientes de sala de aula e de laboratório. Neste sentido, as atividades de prática, em suas diversas formas de linguagem devem contemplar ambas as modalidades de prática experimental em laboratório e da carga horária prática cursadas nas disciplinas que articulam os conteúdos específicos de Artes Visuais com os conteúdos básicos de educação. Ambas as realidades concorrem conjuntamente para a completeza da formação da identidade de educador do futuro professor de Ciências do Ensino Fundamental.

Referências Bibliográficas do Projeto Político Pedagógico em Artes Visuais

- BRASIL. Ministério da Educação. UFPI/CEPEX. *Resolução 115/05*. Teresina (PI), 2005.
- _____. Ministério da Educação. CNE. *Resolução 02/2004*. Brasília (DF), 2004.
- _____. Ministério da Educação. CNE/CEE. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Música, Dança, Teatro e Design*. Brasília (DF), 2003.
- _____. Ministério da Educação. CNE/CP. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena*. Resolução CNE/CP 01/2002. Brasília (DF), 2002.
- _____. Ministério da Educação. CNE/CES. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design*. Brasília (DF), 2002.
- _____. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. *Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior*. Brasília (DF), 2001.
- _____. Ministério da Educação. SESU. *Subsídios para a elaboração de propostas de diretrizes curriculares gerais para as licenciaturas*. Brasília (DF), 1999.
- _____. Ministério da Educação. Comissão de Especialistas de Ensino de Música. *Diretrizes Curriculares Para os Cursos de Música*. Brasília (DF), 1999.
- _____. Ministério da Educação. SESU. *Diretrizes Curriculares Gerais para as Licenciaturas*. Brasília (DF), 1999.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Brasília: MEC-SEF, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KLEBER, M. *Teorias curriculares e suas implicações no ensino superior de música: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília, MEC/SEF, 1997. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro04.pdf>>. Acesso em 15/11/2010.

Anexo I:

Regulamento para Trabalho de Conclusão de Curso

CAPÍTULO I DOS OBJETIVOS

ARTIGO 1º - O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um instrumento de iniciação científica a ser desenvolvido em disciplinas obrigatórias para a integralização curricular.

ARTIGO 2º - O TCC será desenvolvido em 02 (duas) disciplinas a seguir discriminadas: desenvolvimento de Projeto I e II - TCC, cada uma delas com 02 créditos, correspondente a 30 horas, perfazendo um total de 60 (sessenta) horas.

ARTIGO 3º – O TCC tem como objetivos:

- a) o aprofundamento em área específica de conhecimento;
- b) incentivar o interesse por atividades de pesquisa; e
- c) formar um profissional com melhor visão científica da área em que vai atuar.

CAPÍTULO II DA COORDENAÇÃO

ARTIGO 4º - Cabe à Coordenação do Curso de Artes Visuais o desenvolvimento de atividades necessárias ao cumprimento deste Regulamento.

CAPÍTULO III DA OBRIGATORIEDADE

ARTIGO 5º - O Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de monografia e sua apresentação em sessão aberta à comunidade, constituem requisito para Colação de Grau de Licenciado em Artes Visuais.

PARÁGRAFO ÚNICO - No Histórico Escolar deve constar o título do TCC.

ARTIGO 6º - Para a realização do TCC o estudante pode optar por uma das seguintes categorias:

- a) Trabalho de Revisão Bibliográfica;

- b) Análise de Dados Existentes;
- c) Pesquisa Experimental;
- d) Pesquisa Teórica; e,
- e) Pesquisa Computacional.

CAPÍTULO IV DA ORIENTAÇÃO E VAGAS

ARTIGO 7º - Poderão orientar TCC os professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que ministrem disciplinas do Curso de Graduação em Artes Visuais ou professores dos outros cursos de licenciatura do CCE.

PARÁGRAFO ÚNICO - Poderão atuar como co-orientador de TCC professores de outras Instituições, que tenham qualificação na área do trabalho, após cadastramento no Departamento correspondente e aprovação de seu currículo pelo Colegiado do Curso de Artes Visuais.

ARTIGO 8º - Fica estabelecido o máximo de 05 (cinco) estudantes para cada orientador acompanhar, simultaneamente.

ARTIGO 9º - A oferta das disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II serão solicitadas pela Coordenação do Curso na época da Oferta de Disciplinas, a cada período letivo.

PARÁGRAFO ÚNICO – A coordenação do curso de Artes Visuais deve especificar área do conhecimento, nome dos orientadores e número de vagas por orientador a cada período letivo, enviando documento para divulgação, por ocasião da Oferta de Disciplina, conforme Calendário Universitário.

CAPÍTULO V DA MATRÍCULA

ARTIGO 10º - O estudante deve fazer seu TCC nos dois últimos períodos do curso, matriculando-se nas disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II, respectivamente, conforme o Calendário Universitário.

§ 1º - Caso o estudante queira realizar seu TCC antes do previsto no caput deste Artigo, poderá fazê-lo, desde que tenha cursado, no mínimo, 80% das disciplinas do Curso.

§ 2º - Caso o número de estudantes exceda a quantidade de vagas ofertadas por período letivo, dar-se-á prioridade aos estudantes que tiverem maior número de créditos.

§ 3º - Por ocasião da matrícula na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, o estudante deve preencher formulário próprio, indicando o professor orientador e a temática sobre a qual pretende desenvolver seu TCC.

ARTIGO 11 – A confirmação do aceite de orientação por parte do professor verá ser publicado até cinco dias antes do início do período letivo, previsto no Calendário Universitário.

CAPÍTULO VI DO PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DO TRABALHO

ARTIGO 12 – Deve ser definido e elaborado pelo Professor Orientador e Orientando o Plano de Trabalho a ser desenvolvido, constando título: objetivos, metodologia, cronograma de execução e orçamento.

PARÁGRAFO ÚNICO - A execução do TCC é da inteira responsabilidade do estudante, cabendo ao orientador o acompanhamento e a orientação das atividades previstas, no projeto de pesquisa.

ARTIGO 13 - Cabe ao orientador desenvolver as gestões necessárias ao andamento dos trabalhos por ele orientados.

CAPÍTULO VII DA APRESENTAÇÃO E JULGAMENTO DO TRABALHO

ARTIGO 14 - O TCC deve ser enviado à Coordenação do curso ou ao chefe do Departamento de origem do professor orientador, através de ofício do estudante, em forma de minuta, com visto do orientador, em quatro vias datilografadas, em espaço 02 (dois), no máximo, até 15 (quinze) dias antes do término do período letivo.

ARTIGO 15 - Deve ser definida, quando necessário, pela coordenação de curso uma Comissão Julgadora de 03 (três) membros para proceder à avaliação do TCC, devendo a referida Comissão atuar sob a presidência do Orientador do trabalho.

§ 1º - Caso o estudante queira sugerir um professor para participar da Comissão Julgadora, deve fazê-lo no ofício referido no Artigo 14.

§ 2º - As cópias do TCC referidas no Artigo 14 devem ser encaminhadas pelo Coordenador do curso aos membros da Comissão Julgadora no prazo de 48 horas, após o seu recebimento.

ARTIGO 16 - O Coordenador do curso, em acordo com o Orientador, deve fixar data, horário e local para a apresentação e julgamento do TCC, em sessão aberta e amplamente divulgada no âmbito do Centro de Ciências da Educação

§ 1º - A data a que se refere o caput deste Artigo não poderá exceder o último dia do período estabelecido para o Exame Final no Calendário Universitário.

§ 2º - O tempo de apresentação do trabalho deverá ser de 45 minutos e o de arguição do estudante deverá ser de até 15 minutos para cada componente da Comissão Julgadora

ARTIGO 17 - A Comissão Julgadora deve observar os seguintes critérios de avaliação do TCC:

- a) nível de adequação do texto ao tema do trabalho;
- b) clareza e objetividade do texto;
- c) nível de profundidade do conteúdo abordado;
- d) relevância das conclusões apresentadas;
- e) domínio do assunto; e,
- f) relevância da bibliografia consultada.

PARÁGRAFO ÚNICO - A Comissão Julgadora pode acrescentar outros critérios além dos especificados neste Artigo, de acordo com o assunto e tipo de trabalho em julgamento.

ARTIGO 18 - A avaliação do TCC deve obedecer ao disposto na Resolução 043/95-CEPEX.

PARÁGRAFO ÚNICO - Fica estabelecido que a nota dada ao TCC pela Comissão Julgadora será a nota da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

ARTIGO 19 - Após a sessão de julgamento e tendo o TCC sido aprovado, o estudante deve proceder às correções eventualmente recomendadas pela Comissão Julgadora e entregar o trabalho ao Chefe do Departamento de Física em 04(quatro) vias, devidamente assinadas pelos membros da referida Comissão e, em forma definitiva, no prazo de 10 (dez) dias.

§ 1º - A coordenação do curso deve arquivar uma via do TCC e encaminhar uma via à Biblioteca Setorial e outra à Biblioteca Central.

§ 2º - A coordenação do curso deve arquivar a Ficha de Avaliação emitida pela Comissão Julgadora e encaminhar o resultado obtido pelo estudante à Diretoria de Assuntos Acadêmicos.

ARTIGO 20 - Ao estudante que não conseguir aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II será concedida oportunidade para reformulação do mesmo trabalho, com nova matrícula curricular.

CAPÍTULO VIII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

ARTIGO 21 - Caso o professor venha a desistir de orientar um estudante, deve encaminhar à Coordenação de Curso o pedido de desistência acompanhado de exposição de motivos.

PARÁGRAFO ÚNICO – À coordenação do curso reserva-se o direito de aceitar ou não o pedido.

Anexo II:

Regulamento das Atividades Complementares

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º - As atividades complementares serão implementadas durante o curso de Artes Visuais, Modalidade Presencial Especial, mediante o aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes, conforme regulamentação geral através de Resolução Nº 150/06 – CEPEX, e especificamente, para o curso de Artes Visuais, conforme estabelece seu Projeto Pedagógico e este Regulamento.

Art. 2º - Considerar-se-ão atividades complementares: iniciação à docência e à pesquisa; apresentação e/ou organização de eventos; experiências profissionais e/ou complementares; trabalhos publicados em revistas indexadas, jornais e anais, bem como apresentação de trabalhos em eventos científicos e aprovação ou premiação em concursos; atividades de extensão; vivências de gestão e atividades artístico-culturais, esportivas e produções técnico-científicas.

Art. 3º - A carga horária mínima das atividades complementares do Curso de Artes Visuais, Modalidade Presencial Especial, será de 210 horas, as quais serão desenvolvidas em horário diferenciado das disciplinas do curso.

CAPÍTULO II DOS OBJETIVOS

Art. 4º - Permitir o relacionamento do estudante com a realidade social, econômica e cultural da coletividade e, até mesmo com a iniciação à pesquisa e com a prática docente, otimizando a contextualização teoria-prática no processo ensino aprendizagem e o aprimoramento pessoal.

Art. 5º- Estabelecer diretrizes que sedimentarão a trajetória acadêmica do discente, preservando sua identidade e vocação; ampliar o espaço de participação deste no processo didático-pedagógico, consoante a tendência das políticas educacionais de flexibilizar o fluxo curricular para viabilizar a mais efetiva interação dos sujeitos do processo ensino aprendizagem na busca de formação profissional compatibilizada com suas aptidões.

Art. 6º - Correlacionar teoria e prática, mediante a realização de experiências de pesquisa e extensão.

Art. 7º - Incentivar o estudo e o aprofundamento de temas relevantes e originais, que despertem o interesse da comunidade científica, visando o aprimoramento das reflexões e práticas na área de

Física.

Art. 8º - Dinamizar o curso, com ênfase no estímulo à capacidade criativa e na co-responsabilidade do discente no seu processo de formação.

CAPÍTULO III DO REGISTRO, DA CARGA HORÁRIA E DA FREQUÊNCIA

Art. 9º - O registro das atividades complementares no Histórico Escolar do aluno está condicionado ao cumprimento dos seguintes requisitos:

I – A Coordenação do Curso de Artes Visuais será responsável pela implementação, acompanhamento e avaliação destas atividades.

II – O aluno deverá cumprir, entre o primeiro e o último período do curso, a carga horária total de atividades complementares exigidas.

Art.10 - Compete ao coordenador das atividades complementares do curso orientar o aluno quanto à certificação e validação dessas atividades, com recurso à Coordenação do curso.

Art.11 - Cabe ao aluno comprovar sua participação nas atividades realizadas, junto à Coordenação das Atividades Complementares, em conformidade com a legislação da UFPI e do curso.

Art.12 – Até o final de cada período letivo, o aluno deverá encaminhar documentação comprobatória deferente às atividades realizadas para fins de validação.

Art.13 – Ao final de cada período letivo, o coordenador das atividades deverá encaminhar a listagem de atividades complementares validadas por cada aluno à Coordenação do Curso, para fins de registro no histórico escolar do aluno.

Art 14 - As atividades complementares integram a parte flexível do curso de Artes Visuais, exigindo-se o seu total cumprimento para a obtenção do diploma de graduação.

Art 15 - Compete ao Colegiado do curso dirimir dúvidas referentes à validação das atividades realizadas, analisar os casos omissos e expedir os atos complementares que se fizerem necessários.

CAPÍTULO IV

O calendário universitário estipulará período para solicitação de integralização das atividades acadêmico-científico-culturais junto à Coordenação do Curso de Artes Visuais até 60 dias antes do prazo para a colação de grau do aluno.

A Coordenação do Curso, com o apoio de uma comissão, avaliará o desempenho do aluno nas atividades acadêmico-científico-culturais, emitindo conceito satisfatório ou insatisfatório, estipulando a carga horária a ser aproveitada e encaminhando os dados obtidos para registro.

DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO E CARGA HORÁRIA/ATIVIDADE

Nº	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA (h)	
		ATIVID.	MÁXIMA
I. INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E À PESQUISA <u>Exigência:</u> relatório do professor orientador e declarações dos órgãos/unidade competentes.		Até 120 horas para o conjunto de atividades	
1	Monitoria no curso por período letivo.	15	30
2	Projetos de pesquisa, projetos institucionais, PET/PIBIC,	20	60
3	Participação em grupo de estudo/pesquisa, orientado por docente da UFPI.	10	30
II. APRESENTAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS <u>Exigência:</u> certificado de participação, apresentação de relatórios e declarações dos órgãos/unidade competentes.		Até 60 horas para o conjunto de atividades	
1	Participação em evento científico: congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fóruns, semanas acadêmicas.	5	45
2	Organização de evento científico: congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fóruns, semanas acadêmicas.	03	15
III. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES E ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO. <u>Exigência:</u> termo de compromisso da PREX, atestados de participação e apresentação de relatório técnico.		Até 180 horas para o conjunto de atividades	
1	Realização de estágios não obrigatórios, diferenciados do estágio supervisionado, com duração mínima de 90 dias, cadastrados na PREX/UFPI.	15	60
2	Ministrar aulas de Artes Visuais no Ensino Médio (como bolsista / semestre)	20	60
3	Realização de estágios em Empresa Júnior ou Incubadora de Empresa.	5	10
4	Participação em projetos sociais governamentais e não-governamentais, voltado a área de Artes Visuais, com duração mínima de 60 dias.	5	20
5	Participação em programas de bolsas da UFPI, por período letivo.	05	20
6	Visitas técnicas acompanhadas por professor de Artes Visuais, vinculada a Serviços ou Programas Institucionais, com um mínimo de 2 visitas/semestre.	05	10
IV. TRABALHOS PUBLICADOS, APRESENTAÇÕES E PREMIAÇÕES CIENTÍFICAS <u>Exigência:</u> cópias de artigos publicados; certificados e cópias de trabalhos completos ou resumos apresentados em eventos científicos e, certificados		Até 90 horas para o conjunto de atividades	

ou diplomas de premiação em evento/concurso científico.			
1	Trabalhos publicados em revistas indexadas.	15	30
2	Premiação em evento ou concurso científico.	10	10
3	Apresentação de trabalhos em eventos científicos na área de Física ou áreas afins: congressos, seminários, conferências, simpósios, fóruns, semanas acadêmicas.	05	30
4	Trabalho completo ou resumo publicado em anais de evento científico na área de Física	05	20

V. ATIVIDADES DE EXTENSÃO		Até 90 horas para o conjunto de atividades	
Exigência: atestados e certificados de participação e apresentação de relatório técnico ou projeto registrado na Pró-Reitoria de Extensão/UFPI.			
1	Programas/projetos de extensão, sob orientação de professor da UFPI, por semestre concluído.	15	30
2	Minicurso / Oficina / Grupo de Estudo em assunto correlato ao curso.	05	10
2	Curso com duração mínima de 180 horas.	10	10
3	Participação em outras apresentações, projeções comentadas de vídeos técnicos à comunidade durante o período de integralização do curso.	05	10
4	Excursões científicas (apenas quando se relacionar com atividades de extensão).	05	10
5	Curso de extensão na área de Artes Visuais e/ou áreas afins, com duração mínima de 20 horas.	5	10
6	Participação em exposições, feiras, datas temáticas na área de Física.	02	10

VI. VIVÊNCIAS DE GESTÃO		Até 40 horas conjunto de atividades	
Exigência: atas das reuniões das quais o aluno participou; declarações dos órgãos/unidade competentes; outros atestados de participação e apresentação de relatório técnico.			
1	Representação estudantil junto aos órgãos colegiados da UFPI com mandato mínimo de 1 ano.	05	15
2	Participação em entidades estudantis da UFPI como membro de diretoria.	05	10
3	Participação em comitês ou comissões de trabalho na UFPI, não relacionado a eventos.	5	15

VII. ATIVIDADES ARTÍSTICO—CULTURAIS, ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICA		Até 90 horas conjunto de atividades	
Exigência: atestados/certificados de participação; apresentação de relatório técnico e trabalhos produzidos ou produtos.			
1	Elaboração de texto teórico e/ou experimental para o Ensino de Artes Visuais em nível Fundamental e Médio.	20	60
2	Produção ou elaboração de softwares e vídeos para o Ensino de Artes Visuais em nível Fundamental e Médio.	05	10
3	Participação em atividades esportivas	05	10
4	Participação em grupos de arte: artes cênicas, plásticas, coral, dança, literatura, música, poesia, teatro.	02	10

VIII. DISCIPLINA ELETIVA OFERTADA POR OUTRO CURSO DA UFPI OU POR OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR		Até 60 horas para o Conjunto de atividades	
Exigência: apresentação de documento oficial e comprobatório.			

IX. ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO		Até 90 horas conjunto de atividades	
<u>Exigência:</u> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			
1	Programa de integração empresa-escola ou de trabalho voluntário, com dedicação semanal de 5 a 10 horas para o aluno e com apresentação de relatórios	90	90

X. VISITAS TÉCNICAS: ATÉ 10 (DEZ) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES		Até 60 horas para o Conjunto de atividades	
1	Visitas técnicas na área do curso que resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovado por um professor responsável, consultado previamente.	60	60

CAPÍTULO V DA ORGANIZAÇÃO

Art. 16 - A coordenação das atividades complementares será feita pelo Coordenador do Curso de Artes Visuais, solicitado pelo Coordenador Geral do PARFOR e designado por portaria da direção do Centro de Ciências da Natureza.

CAPÍTULO VI DAS COMPETÊNCIAS

Art. 17 - Compete ao coordenador das atividades complementares do curso de Artes Visuais:

- I – Coordenar o processo de desenvolvimento das atividades complementares do curso, conforme a regulamentação geral da UFPI neste âmbito e normatização específica deste regulamento.
- II – Efetuar o registro, acompanhamento e a avaliação das atividades complementares de Artes Visuais desta IES, a partir da solicitação do aluno, por período letivo.
- III – Apresentar relatório ao final de cada período letivo, ao Colegiado do Curso de Artes Visuais, sobre o desenvolvimento das atividades.
- IV – Manter contato com os locais de realização destas atividades quando externas à UFPI, visando o aprimoramento e solução de problemas relativos ao seu desenvolvimento.
- V – Encaminhar este regulamento aos alunos e professores do curso de Artes Visuais da UFPI.
- VI – Divulgar amplamente, junto aos alunos, a listagem de atividades complementares passíveis de realização pelos discentes, indicando os respectivos critérios de pontuação e validação.

CAPÍTULO VII DA AVALIAÇÃO

Art. 18 - A avaliação das atividades complementares será realizada da seguinte forma:

I – A avaliação será efetuada pelo Coordenador das atividades complementares, de acordo com o tipo de atividade, carga horária e a documentação comprobatória da sua realização, previstas no capítulo IV, desse regulamento.

II - Pela apresentação de um relatório consubstanciado das atividades desenvolvidas pelo aluno, enfocando a sua contribuição para a formação acadêmica.

CAPÍTULO VIII DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E À PESQUISA

Art. 19 - A iniciação à docência durante o curso pode ser exercitada pelo *Programa de Monitoria* que tem como objetivo experimentar a vivência didático-pedagógica, sob a supervisão e orientação do professor responsável; promovendo o reforço do processo de ensino-aprendizagem e possibilitando um aprofundamento de conhecimento na área em que se desenvolve a monitoria; propiciando espaço para rever conteúdos, discutindo dúvidas e trocando experiências, aproximando cada vez mais os corpos docente e discente.

Art. 20 - A iniciação científica constitui um elemento acadêmico que dá suporte à política de *pesquisa institucional*, sendo assim atrelada à excelência da produção científica na comunidade e à melhoria da qualidade da formação acadêmica dos egressos. Os alunos são também estimulados à iniciação científica, recebendo orientações para as suas pesquisas acadêmicas, articuladas ou não com o Trabalho de Conclusão do Curso. Além disso, há incentivo para a participação de alunos da Universidade em Programas de Iniciação Científica de Instituições Públicas de Pesquisa, reconhecidas na comunidade científica.

Art. 21 - Compondo-se o Programa estão aqueles projetos com mérito técnico-científico, com viabilidade de execução técnica e orçamentária, que por sua vez conta com verba destinada ao fomento da pesquisa institucional prevista no orçamento programa da Universidade.

Art. 22 - O projeto deve seguir a padronização institucional de um projeto de pesquisa viável do ponto de vista técnico-científico e metodológico. Os alunos inscrevem-se, juntamente com um orientador qualificado e experiente, seu projeto de pesquisa, que será submetido a avaliação por professores pesquisadores da UFPI. Após análise e aprovação pelas comissões, incluindo a do Comitê de Ética e Pesquisa, o projeto dará início e aluno poderá receber bolsas de pesquisa.

Art. 23 - A constituição de *grupos de pesquisa ou grupos de estudo* constitui-se também em espaço de atividade acadêmica complementar que oportuniza ao aluno a participação e vivência coletiva de conhecimento científico aprofundado.

CAPÍTULO IX DA APRESENTAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Art. 24 - Este grupo de atividades é composto pela participação discente em eventos científicos ou acadêmicos como congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fóruns, semanas acadêmicas, bem como suas experiências na organização e apresentação desses eventos.

CAPÍTULO X
DAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES

Art. 25 - Os programas de integração empresa-escola são fundamentais para o conhecimento da vida profissional e estimulam o aluno na vida acadêmica. Os programas de integração empresa-escola serão conduzidos pela Coordenação de Estágios Não Obrigatórios da Pró-Reitoria de Extensão, a qual propicia agilidade na intermediação entre o estagiário e a empresa e, estabelece o convênio entre as partes.

Art. 26 - É possível ao aluno realizar estágios não obrigatórios dentro da própria instituição, por meio da observação e participação conjunta para o exercício da profissão, assistido por profissional da área. Pertencem ainda a esse grupo as participações em projetos sociais, programa de bolsa trabalho da UFPI e vivências acadêmico-profissional assistidas.

CAPÍTULO XI
DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS, APRESENTADOS E PREMIAÇÕES.

Art. 27 - A realização de trabalho científico envolve a pesquisa, sob a orientação de docente do curso; trabalhos publicados em periódicos científicos e anais de eventos e/ou participação como expositor ou debatedor em eventos científicos.

Art. 28 - A participação do corpo discente em eventos de natureza técnico-científica, dentro e fora da Instituição, faz parte também das estratégias do curso em contemplar uma formação ampla, estimulando a produção científica dos alunos, ao tempo em que mantêm o conhecimento atualizado.

Art. 29 - O incentivo à participação em concursos Artísticos que objetivam a seleção com premiação de trabalhos de excelência em Arte pode ser experimentado tanto no âmbito interno da UFPI, quanto no espaço externo das esferas locais, regionais, nacionais ou internacionais, promovidos por instituições de fomento a Arte.

CAPÍTULO XII
ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Art. 30 - As atividades da extensão universitária produzem ações que articulam de forma imediata o conhecimento teórico e a prática com prestação de serviço à comunidade, que incluem um variado leque de atividades, potencializadas em função das demandas internas e externas à universidade.

Art. 31 - As ações de apoio à participação discente em atividades de extensão comunitária

contemplam: execução de programas/projetos de extensão, serviços acadêmicos, elaboração de concursos e projetos especializados, consultas, exames e atendimentos ambulatoriais, visitas técnicas, colaboração em seminários, palestras, exposições, cursos de extensão, dentro e fora da IES devem ser implementadas.

CAPÍTULO XIII DAS VIVÊNCIAS DE GESTÃO

Art. 32 - O atual modelo de administração acadêmica é resultante de um processo de participação coletiva da comunidade universitária. Neste escopo o segmento discente tem a possibilidade de vivenciar diferentes experiências de gestão, desde a participação em órgãos colegiados da UFPI, em comissões ou comitês de trabalhos, excluídos os relacionados a eventos, até a vivência de gestão como membro de entidades estudantis. Estas experiências podem compor o espectro de atividades complementares, quando o aluno tem a oportunidade de discutir com seus pares e elaborar propostas, tornando-se partícipe da administração acadêmica.

CAPÍTULO XIV DAS PRODUÇÕES TÉCNICAS E ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAL-ESPORTIVAS

Art. 33 - A formação profissional é também resultante do processo cultural histórico do aluno e seu meio, assim as ações originárias dos espaços artísticos, culturais e sócio-esportivos trazem consigo saberes e habilidades que transcendem o conhecimento técnico, aprimorando as relações interpessoais e incentivando o estudante ao desenvolvimento plural como ser e agente de transformação social.

Art. 34 - As manifestações expressas pelas artes plásticas, cênicas, danças, coral, esporte, literatura, poesia, música, teatro... vivenciadas pelo aluno durante sua formação podem ser inseridas nas atividades complementares, como também ações que resultem na produção ou elaboração técnica de vídeos e softwares para o Ensino de Física em nível Fundamental e Médio.

Coordenador de Curso de Artes Visuais-PARFOR-UFPI

Prof. Evaldo Santos Oliveira

Departamento de Musica e Artes Visuais da UFPI

Telefone/fax: (86) 3215-5816